



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LINGUA FRANCESA

CHRISTOPHE DE FRU

**UMA LEITURA DE *CHARLIE HEBDO* (EDIÇÃO 1178): A CHARGE COMO
RESPOSTA AO ATENTADO**

João Pessoa

2018

CHRISTOPHE DE FRU

**UMA LEITURA DE *CHARLIE HEBDO* (EDIÇÃO 1178): A CHARGE COMO
RESPOSTA AO ATENTADO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Francesa.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Meira.

JOÃO PESSOA-PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D2781 De Fru, Christophe.

Uma leitura de Charlie Hebdo (edição 1178): a charge
como resposta ao atentado / Christophe de Fru. - João
Pessoa, 2018.

38 f. : il.

Orientação: Vinícius Fernando de Farias Meira.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Charlie Hebdo. 2. Charge. 3. Humor. 4. Atentado. I.
Meira, Vinícius Fernando de Farias. II. Título.

UFPB/CCHLA

**UMA LEITURA DE *CHARLIE HEBDO* (EDIÇÃO 1178): A CHARGE COMO
RESPOSTA AO ATENTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras no Curso de Letras-Francês, da Universidade Federal da Paraíba.

Data de aprovação: 08/11/2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vinícius Fernando de Farias Meira

Orientador

Prof.^a Dr.^a Sandra Helena Gurgel Dantas de Medeiros

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Bezerril Cardoso

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Gláucia Vieira Machado

Suplente

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, por tudo o que significam e por serem meu suporte onde quer que estejam. À Karol, pela sua paciência, companheirismo e, sobretudo, pelas palavras de motivação.

Ao professor Vinícius Meira, pela orientação e observações que foram fundamentais para conclusão deste trabalho.

Aos professores da banca, pela sua disposição e colaboração.

A todos os professores que fizeram parte da minha graduação, em especial aos de língua francesa, pelos ensinamentos e todo conhecimento compartilhado ao longo desses anos.

Aos colegas e amigos que fiz durante esse processo.

Pour être heureux, Charlie Hebdo dessine, écrit, interviewe, réfléchit et s'amuse de tout ce qui est risible sur terre, de tout ce qui est grotesque dans la vie.

C'est-à-dire de presque tout.

Charlie Hebdo – Journal satirique

RESUMO

Este trabalho traz como fonte de estudo a edição nº1178 do jornal francês *Charlie Hebdo*, publicado em 14 de janeiro de 2015, primeira edição após o atentado terrorista à redação. Temos como objetivo entender como o hebdomadário utilizou a charge como uma resposta ao ataque. Trazemos a história do jornal, da sua criação até a publicação em estudo e falamos dos principais desenhistas que assinaram suas páginas. No *Charlie*, os desenhos são de cunho humorístico e repletos de ironia, procuramos com isso classificá-los como charge humorística, compreendendo suas características e funções. Buscamos autores como Henri Bergson e Vladimir Propp para entendermos de que maneira se constrói a comicidade e os tipos de riso que encontramos nos traços dos desenhistas. Escolhemos então cinco charges, encontradas na edição em questão, e procedemos a uma análise não exaustiva dos aspectos tanto verbais como não-verbais, para concluir de que maneira o *Charlie* usou o humor para responder a um ato de violência.

Palavras-chave: Charlie Hebdo; Charge; Humor; Atentado.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objet d'étude l'édition n°1178 du journal français *Charlie Hebdo*, publié le 14 janvier 2015, la première édition après l'attentat terroriste contre la rédaction. Nous avons pour but de comprendre comment l'hebdomadaire a utilisé la charge pour répondre à l'attaque. Nous racontons l'histoire du journal, depuis sa création jusqu'à la publication de cette étude et nous parlons des principaux dessinateurs qui ont signé ces pages. Chez *Charlie*, les dessins sont humoristiques et pleins d'ironie, nous cherchons à les classer comme caricature humoristique, comprenant ses caractéristiques et ses fonctions. Nous consultons des auteurs tels Henri Bergson et Vladimir Propp pour comprendre comment se contruisent le comique et les types de rire que nous retrouvons dans les traits des dessinateurs. Nous avons choisi cinq dessins, trouvés dans cette édition, et nous avons réalisé une analyse des aspects verbaux et non-verbaux, pour conclure de quel manière le *Charlie* a utilisé l'humour pour répondre a un acte de violence.

Mots-clés: Charlie Hebdo; Charge; Humour; Attentat.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – TERRORISMO E <i>CHARLIE</i>	12
1.1 Os Principais Ataques Terroristas à França	12
1.2 A História do Charlie	13
1.3 Pós atentado, Charlie edição 1178.....	17
CAPÍTULO II – COMICIDADE E CHARGE	19
CAPÍTULO III – CHARLIE EDIÇÃO 1178 : UMA RESPOSTA AO ATENTADO	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Esse trabalho procura estudar a edição 1178 do jornal *Charlie Hebdo* publicado em janeiro 2015, mais especificamente o uso das charges humorísticas como resposta ao ataque terrorista sofrido pelo jornal (uma versão digitalizada se encontra anexa a este trabalho). Com essa leitura, consideramos que o presente estudo contribui para melhor entendimento de como se dá a formação do humor e que funções linguísticas pode desempenhar a charge.

O nosso problema de pesquisa traz o seguinte questionamento: De que maneira o jornal *Charlie Hebdo* respondeu ao atentado através de charges humorísticas? Para isso buscamos conceituar o humor e de que maneiras se constrói a comicidade. Dentre essa temática encontramos a charge. Procuramos autores que trabalharam com esse gênero linguístico para qualificar a charge, entender suas características e linguagem.

O hebdomadário em questão é um tradicional jornal francês conhecido pelas charges repletas de humor negro e fortes críticas, aborda diversos assuntos do cotidiano parecendo ter uma preferência pelos mais polêmicos.

Para melhor entendimento, fizemos uma contextualização do momento da publicação, e relembramos o histórico de eventos similares na França. Contamos também a história do jornal, desde antes da sua real criação até a publicação da edição 1178 que bateu todos os recordes de venda de jornal no país.

A base teórica se baseia em alguns estudiosos, como Henri Bergson e Vladimir Propp, e escolhemos fazer uma divisão em três partes. Na primeira, apresentamos um histórico recente de alguns ataques da mesma natureza que aconteceram na França. Em seguida, contamos a história do jornal que escolhemos como nosso objeto de estudo. Vamos falar de como ele surgiu, dos principais nomes que fizeram parte da equipe e ajudaram na sua construção, de eventos importantes que ocorreram para enfim chegarmos ao fatídico dia 7 de janeiro de 2015 quando a sede do jornal foi atacada e membros importantes foram assassinados.

Na segunda parte classificamos a charge, assim como outros gêneros textuais a exemplo da caricatura e o cartum. Identificamos os desenhos do *Charlie* como charge jornalística entendendo que diferentemente da charge comum, a charge jornalística não tem apenas a função de um passatempo, de um lazer. Claro que a parte prazerosa da leitura está

presente nesse gênero, mas suas funções vão além. Falamos do emprego desse gênero assim como de suas características. Procuramos compreender as leis básicas do humor, da maneira pela qual ele se dá e dos diferentes tipos de riso.

No terceiro capítulo fizemos uma análise de cinco charges presentes na edição 1178 do jornal. Essas foram escolhidas por tratarem do evento motivador dessa edição e exemplificar bem o uso da charge como reação. Observamos diferentes aspectos do desenho, verbais e não-verbais, como o traço, identificando o estilo dos diferentes cartunistas, uso de balões de fala e de legendas.

A partir desse trabalho foi possível compreender o potencial do uso da charge e as possíveis maneiras com as quais os cartunistas se utilizam para se manifestar. A bandeira da liberdade de expressão, que foi questionada e atacada pelos terroristas, foi levantada por centenas, milhares de pessoas, e continua sendo erguida até hoje pelo *Charlie*.

CAPÍTULO I – TERRORISMO E *CHARLIE*

Para entendermos o significado da edição 1178 do *Charlie Hebdo*, material de estudo deste trabalho, iremos fazer uma relação de ataques mais recentes que aconteceram na França desde 1986 e, em seguida, conhecer a história do jornal, sua fundação, desenvolvimento, e os principais nomes que fizeram e fazem parte de sua história. Em um momento, no dia 07 de janeiro de 2015, as duas narrativas, do histórico dos atentados e da vida do jornal, tragicamente se encontram quando, por sua vez, a sede do jornal é vítima de um ataque terrorista.

1.1 Os Principais Ataques Terroristas à França

Ao longo do tempo tem aumentado o número de ataques terroristas pelo mundo. Esses costumam deixar várias vítimas inocentes e são identificados por explosões, bombas, uso de reféns, tiroteios e ataques coordenados. Esses episódios são reivindicados por grupos terroristas que querem justificar seus atos com motivos de defesa de ideais ou religiosos. As consequências desses atos vão além da perda de vidas, eles abrem uma ferida na sociedade em geral que se solidariza com as vítimas. Muitos passam a ter medo e temer um novo ataque, com isso se instala um sentimento de insegurança, o que leva países a tomar duras medidas para se protegerem.

Segundo o jornalista Robson Merieverton, a França tem sido um alvo recorrente dos terroristas por alguns motivos: o país é um símbolo do pensamento moderno ocidental, a grande presença de muçulmanos no país que migram em busca de oportunidades e acabam muitas vezes marginalizados, desde 2014 a França atua ativamente nos bombardeios contra o grupo *Estado Islâmico*, etc.

Merieverton também cita os principais ataques em solo francês:

Em 1986, no dia 17 de setembro, uma bomba explodiu no armazém *Tati* em Paris. O ataque, que fez sete mortos e dezenas de feridos, foi assumido por um grupo de origem iraniana chamado *Fouad Ali Saheh*. O mesmo grupo foi autor de outros atentados durante a década de 80 fazendo um total de 13 mortos e 300 feridos.

Em 1995, na estação de metrô Saint Michel, em Paris, uma explosão deixou 8 vítimas fatais e mais de cem feridos. Dessa vez um grupo argelino reivindicou a autoria.

No mês de março de 2012, na cidade de Toulouse, um atirador mata três paraquedistas militares e invade um colégio judeu onde faz mais 4 vítimas.

Em janeiro de 2015, um total de 17 pessoas foram mortas em ataques coordenados que aconteceram na capital francesa. O primeiro aconteceu na sede do jornal hebdomadário *Charlie Hebdo*. Na ocasião dois terroristas invadiram o local fortemente armados, adentraram a sala de reuniões e, depois de identificarem os alvos, atiraram atingindo jornalistas, cartunistas, assim como um guarda-costas. Durante a fuga eles abriram fogo contra policiais e civis que estavam nas proximidades. Esse caso ganhou repercussão mundial, trazendo a discussão acerca do limite da liberdade de expressão. Logo depois, um outro elemento fez pessoas reféns em um supermercado judeu, ainda em Paris, dessa vez quatro mortos.

No mesmo ano, em novembro, a capital francesa foi alvo mais uma vez de um episódio que ganhou grande repercussão quando 130 pessoas foram mortas em um ataque à famosa casa de espetáculo *Bataclan*. Na ocasião, quatro terroristas explodiram artefatos colados aos seus corpos depois de terem atirado em pessoas que estavam em cafés nas proximidades. Outros tiroteios foram registrados na cidade assim como uma bomba que explodiu nos arredores do *Stade de France* onde jogava a seleção francesa de futebol.

Em 2016, no dia 14 de julho, importante feriado francês, mais um ataque ocorreu dessa vez na cidade de Nice, no sul da França. Um homem avançou com um caminhão, de maneira voluntária, em uma multidão que se reuniu para assistir à queima dos fogos. O terrorista fez 80 vítimas fatais antes de ser morto pela polícia.

Ao longo dos anos outras dezenas de ataques ocorreram em solo francês e outros tantos foram evitados pela polícia francesa através do serviço de inteligência que trabalha na prevenção de ataques deste tipo.

1.2 A História do Charlie

Charlie Hebdo é um jornal hebdomadário francês, irreverente, repleto de sátiras e ironias, impiedoso e ao mesmo tempo engraçado, se auto-define com valores de esquerda e, acima de tudo, laico. Para passar suas ideias se utiliza de caricaturas humorísticas, ilustrações, artigos e reportagens tratando de temas controversos como religião, cultura, política, entre outros, sem poupar a nada e a ninguém. Ele surge na década de 1970, em uma sociedade marcada pelos acontecimentos de maio de 1968. Naquele mês, ocorreu uma grande onda de protestos que teve início com os estudantes universitários e seguiu com o apoio da classe

trabalhadora que, no auge do movimento, chegou a parar quase dois terços da mão-de-obra do país. Os manifestantes que no início pediam por reformas no setor educacional, acabaram por iniciar uma verdadeira revolução cultural que não aceitava os valores morais impostos.

A história de *Charlie* tem início antes mesmo de sua criação. No ano de 1960 foi lançado um jornal chamado *Hara Kiri* criado por François Cavanna e Georges Bernier, mais conhecido como professor Choron. O primeiro seria redator chefe, o segundo diretor de publicação e juntos reuniram uma equipe com várias figuras, dentre elas Jean Cabut (Cabu) e Georges Wolinski. O jornal, que apresentava como divisa “*journal bête et méchant*”¹, tinha uma tiragem mensal e era formado por histórias em quadrinho americanas e contemporâneas francesas e italianas. Os jornalistas Édouard Launet e Pascale Santi contam que o jornal foi algumas vezes censurado, como em 1961 e 1966, mas reaparece sempre. Apesar das proibições, lança em 1969 um hebdomadário chamado *Hara Kiri Hebdo*, esse com maior tom político nos seus conteúdos.

Em 1970, a França se encontra de luto pela morte de 146 pessoas, vítimas de um incêndio em uma discoteca. Dez dias depois vem a notícia do falecimento do primeiro ministro francês Charles de Gaulle, considerado como grande figura política no país. No dia 16 de novembro 1970, na capa da edição nº94 do *Hara Kiri Hebdo*, o título “*Bal tragique à Colombey – 1 mort*”². A escolha do título faz referência à tragédia anterior e à morte do primeiro ministro em sua residência em Colombey-les-deux-Églises. Com essa publicação o jornal mais uma vez foi interditado. Para driblar a censura por parte do governo, os desenhistas então criaram, em novembro do mesmo ano, outro jornal chamado “*Charlie Hebdo*”. O nome faz referência ao personagem “*Charlie Brown*” dos quadrinhos americanos “*Peanuts*” de Charles Schulz.

Charlie Hebdo sempre dependeu financeiramente das vendas do jornal e principalmente dos leitores inscritos, recusando, por escolha própria, qualquer material de propaganda em seus conteúdos. Devido a isso, em janeiro de 1982, o jornal encerra suas atividades por falta de verba. Termina aqui a primeira geração do jornal.

Dez anos mais tarde, o jornal reaparece com Georges Blondeux, conhecido como Gébé, como diretor de publicação e Philippe Val como redator chefe, tem na sua equipe nomes já conhecidos e que figuraram no passado nas páginas do hebdomadário como o

¹ Jornal estúpido e maldoso (todas as traduções em nota de rodapé são de nossa autoria).

² Baile trágico em Colombey – 1 morto.

fundador Cavanna, Willem, Wolinski e Cabu. Juntam-se a eles os cartunistas Charb, Luz, Tignous e o cantor francês Renaud. Alguns outros desenhistas e redatores vieram nos anos seguintes, a exemplo de Riad Sattouf. Essa “segunda versão” do jornal procurou manter o espírito original do *Charlie* onde tudo é motivo de riso, nenhum tema é proibido, assuntos como religião, partidos da extrema direita e militares eram recorrentes e sempre trazendo ideais de justiça social.

Em janeiro de 2006, as caricaturas de Maomé, profeta da religião muçulmana, que foram publicadas alguns meses antes no jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, aparecem nas páginas do *Charlie* juntas com um desenho do mesmo personagem assinada por Cabu que estampa a capa. Nela, o profeta segura sua cabeça entre suas mãos numa demonstração de grande desapontamento e fala: “*C’est dur d’être aimé par des cons*”³, 400.000 jornais são então vendidos de acordo com Santi. Nas ilustrações da religião islâmica, Maomé sempre aparece com seu rosto coberto, e a reprodução da sua imagem e de seu rosto são considerados proibidos. Por esse motivo, muitos na comunidade islâmica pelo mundo consideraram a publicação completamente desrespeitosa e condenaram as charges.

Na Dinamarca, os desenhistas do *Jyllands-Posten* são ameaçados de morte. Na França, o jornal *Charlie Hebdo* sofre com fortes ataques na mídia e judicialmente tem que se defender pela publicação dos desenhos dinamarqueses em suas páginas e da própria caricatura feita por Cabu. A justiça francesa entende, em primeira e mais tarde em segunda instância, que as publicações do *Charlie Hebdo* não tiveram a intenção de ofender diretamente a comunidade islâmica e que os limites da liberdade de expressão foram respeitados.

Tem-se início a considerada terceira etapa da história do *Charlie* em 2009. Com a saída do Philippe Val do jornal, Cabu se torna o novo diretor de publicação. No ano seguinte, o jornal passa por um momento de dificuldades financeiras devido principalmente a uma diminuição das vendas e aumento do custo com o jornal (papel, impressão, eletricidade, etc.). Com isso, decide depois de nove anos pelo aumento do valor do preço do jornal de 2,00 para 2,50 euros. Cabu pede então a ajuda da população, levantando a bandeira da imprensa independente, já que o jornal nunca publicou uma propaganda nem recebeu qualquer ajuda do governo, e afirmando que 2,50 euros seria o preço dessa independência. Neste momento os números divulgados são de 48.000 exemplares semanários sendo 12.000 assinantes.

³ É difícil ser amado por estúpidos.

Em 2011, na Turquia, o partido conservador islâmico *Ennahda* vence as primeiras eleições democratas do país. Com essa notícia, *Charlie* anuncia que sua próxima edição terá como título “*Charia Hebdo*”, em português Xaria, nome dado às leis islâmicas, e que terá como redator chefe o próprio profeta Maomé, tudo isso em comemoração pela vitória do partido *Ennahd*. Na capa, o profeta mais uma vez retratado fala: “*100 coups de fouet, si vous n’êtes pas morts de rire!*”⁴. O anúncio mais uma vez revolta a comunidade islâmica e na véspera do lançamento da edição, na noite do 1 a 2 de novembro, os locais do *Charlie* são incendiados com cocktails molotov e o site, hackeado, estampa uma imagem da cidade de Meca, considerada sagrada pelos islâmicos, com alguns versos do alcorão. O ataque não fez nenhuma vítima, no entanto o desenhista Charb chega a aparecer em uma lista da *Al-Qaeda* como uma das dez personalidades procuradas “vivo ou morto”. Esse seria o primeiro atentado ao jornal.

No ano seguinte, o jornal continua se envolvendo em polêmicas com novas publicações de caricaturas de Maomé. *Charlie* sofre fortes ataques, mais uma vez por parte da comunidade muçulmana que condena essas publicações, das mídias em geral e de parte da classe política. O jornal é então acusado de incitação ao ódio, por difamação e injúria pública. No mesmo dia, tem seu site mais uma vez hackeado. Em 2014, o diretor Charb volta a pedir publicamente ajuda, o jornal passa por dificuldades financeiras. Nesse momento toda quarta-feira são publicados 45.000 exemplares, desses, 35.000 são duramente vendidos, sendo que seriam precisos 30.000 para se alcançar um equilíbrio financeiro, afirma o jornalista Julian Mattei.

Em 2015 a última etapa da história do jornal, no dia 7 de janeiro, os irmãos Chérif e Saïd Kouachi invadem os escritórios do jornal encapuzados e fortemente armados. Eles se dirigem diretamente a sala de reunião e descarregam seus fuzis kalashnikov fazendo 12 vítimas fatais, entre eles os desenhistas Cabu, Charb, Wolinski, Tignous e Honoré, especialistas convidados do jornal e dois policiais, um era responsável pela segurança de Cabu, que vivia com constantes ameaças de morte, e outro que estava fazendo ronda em uma rua próxima e foi morto na saída dos criminosos, que fugiram em um carro gritando “*On a vengé le prophete Mahomet!*”⁵. Outras 11 pessoas são feridas. O ataque é apontado como “atentado terrorista” pelo então Presidente da República François Hollande, e uma semana mais tarde é reivindicado pelo grupo terrorista *Al-Qaeda*.

⁴ 100 chicotadas se você não morrer de rir.

⁵ Vingamos o profeta Maomé.

Segundo os jornalistas Susie Bourquin e Mathieu Charrier, um dia depois do ataque, o jornal, ou o que sobrou dele, decide que a próxima edição sairá à venda normalmente, numa demonstração de que *Charlie* não está morto. A edição nº1178 foi lançada no dia 14 de janeiro tendo um milhão de exemplares vendidos em um dia, esgotados já pela manhã, desses, 600.000 dentro da França. Outros 500.000 saindo todos os dias durante uma semana, totalizando um total de cinco milhões de jornais publicados. De longe a maior tiragem de um periódico francês. Mais tarde, esse número subiria para sete milhões. O jornal trazia na sua capa mais uma aparição do profeta Maomé, dessa vez assinada pelo desenhista Luz, que segura uma faixa na qual se encontra escrito “*Je suis Charlie*”⁶ e o título “*Tout est pardonné*”⁷, traduzido em 16 idiomas. O número de assinantes, que era de 10.000, chega a mais de 200.000 em fevereiro. No início de 2016 cai para 180.000 e, em junho do mesmo ano, para 60.000. No entanto, as vendas nas bancas continuam com um bom ritmo, são 60.000 jornais toda semana, bem longe dos 10.000 vendidos antes do atentado.

Manifestações surgiram na França e pelo mundo em apoio ao *Charlie Hebdo*, milhões de pessoas foram às ruas, e a frase “*Je suis Charlie*” aparecia em quase todos os jornais, revistas e redes sociais. O jornal recebeu apoio de vários segmentos da sociedade que antes criticavam suas charges consideradas ofensivas e agora visto como uma bandeira em favor da liberdade de expressão.

1.3 Pós atentado, Charlie edição 1178

O atentado, que custou a vida de oito importantes membros do jornal, assustou todo um país e mobilizou pessoas pelo mundo, teve motivações religiosas. Extremistas islâmicos não concordavam com as publicações do Maomé e com as críticas feitas aos costumes e dogmas da religião muçulmana. Apesar da tragédia, os membros que sobreviveram tomaram a decisão de continuar o jornal e que a próxima edição sairia como costume na próxima quarta-feira.

Tem início uma campanha de ajuda e doações, divulgada em jornais, televisões e rádios, no intuito de ajudar o hebdomadário que já contava com sérios problemas financeiros antes do atentado. Os redatores são acolhidos no jornal *Libération*, como aconteceu em 2011 após o ataque à bomba, e computadores foram colocados à disposição pelo jornal *Le Monde*.

⁶ Eu sou Charlie.

⁷ Tudo está perdoado.

A princípio, foi divulgado que o jornal teria oito páginas ao invés das dezesseis que eram costumeiras, mas logo mudam de ideia e, no dia 14 de janeiro, sai às bancas o *Charlie* no seu formato habitual. O tema principal da publicação não poderia ser outro que o atentado e aparece como uma resposta à ameaça da liberdade de expressão do jornal. O humor ácido dos desenhos e das charges, que são bem característicos do *Charlie*, está bem presente. No entanto, há uma mensagem de paz, de que não há mágoas pelo que aconteceu.

CAPÍTULO II – COMICIDADE E CHARGE

Neste capítulo vamos abordar a comicidade e o humor como meio de comunicação. Vale lembrar que a França é considerada como país berço dos ideais da liberdade de expressão. Historicamente, desde do Iluminismo no século XVIII, pensadores como Voltaire e Rousseau fundaram princípios que possibilitam a livre expressão de opinião, assim como de crítica, tal qual aos que encontramos nos dias de hoje nas páginas do *Charlie Hebdo*.

Podemos definir humor como: Disposição de espírito; Capacidade de perceber, apreciar ou expressar o que é cômico ou divertido. Mas o que torna uma pessoa ou uma imagem cômica? Quais os aspectos do comportamento humano que desencadeiam o riso?

O riso está presente diariamente em nossas vidas. É uma reação natural, muitas vezes involuntária, que nos proporcione certo prazer, tornando esses momentos mais agradáveis e memoráveis. Encontramos comicidade em diversos aspectos da vida, seja numa fala, num gesto ou em uma imagem. Mas o que torna uma pessoa ou uma imagem cômica? Quais os aspectos do comportamento humano que desencadeiam o riso?

Na obra *O Riso, ensaio sobre a significação do cômico*, Henri Bergson apresenta o que ele considera como leis gerais da comicidade. Essas leis servem de orientação e nos ajudam a entender onde e de que maneira podemos encontrar a comicidade, seja nas palavras, nas ações ou no caráter das pessoas. Elas se aplicam para todos os casos e será a partir delas que iniciaremos nosso estudo.

Primeiramente, o riso é uma característica própria do ser humano, somos a única espécie capaz de rir. Desse modo, “não existe cômico fora do que é propriamente *humano*” (BERGSON, 1993, p. 18). Podemos admirar a beleza de uma paisagem ou a imagem de um pôr do sol, no entanto nunca vamos considerar essas imagens como cômicas. Podemos achar graça em um animal, mas apenas quando esse assumir uma expressão ou atitude humana. O mesmo acontece com objetos, não rimos da peça ou do material, mas podemos rir da forma que alguém lhe deu ou da maneira como esse objeto é utilizado.

Existe certa frieza no riso. Para que a comicidade aconteça é necessário que haja certo distanciamento do sujeito com o objeto do cômico, observamos assim:

a *insensibilidade* que, naturalmente, acompanha o riso. Dir-se-ia que o cômico não pode produzir a sua vibração senão caindo numa superfície de alma bastante

uniforme, bastante calma. A indiferença é o seu meio natural. O riso não tem maior inimigo do que a emoção. (BERGSON, 1993, p. 18-19)

Sendo assim, a segunda lei apela então ao aspecto da inteligência pura e nunca do emocional. É possível rir de uma pessoa com a qual direcionamos algum sentimento, mesmo que seja piedade ou afeição. Nesse caso, é necessário, por um instante, esquecermos esse sentimento. Para isso, é preciso que haja um desligamento e que nos tornamos meros observadores dos acontecimentos e da vida em geral.

O riso necessita de plateia, o seu ambiente natural é a sociedade, “se nos sentíssemos isolados seríamos privados do cômico. Dir-se-ia que o riso tem necessidade dum eco” (BERGSON, 1993, p.19). Esse é, portanto, o terceiro fundamento geral da comicidade, a necessidade de o riso ser compartilhado. Algumas piadas só têm graça em certos círculos ou ambientes, como no trabalho, numa mesa de bar ou no círculo familiar por exemplo. Podemos mesmo pensar em grupo de proporções muito maiores que continuamos identificando essa particularidade, as características do humor variam de acordo com o país. É possível afirmar então que pertence a grupos específicos.

Entendendo as leis gerais da comicidade, conseguimos apontar um importante tipo do riso. Na obra de Vladimir Propp, *Comicidade e riso*, o autor classifica o riso e cria um grande grupo que ele considera importantíssimo e o mais frequente: o riso de zombaria.

Justamente este e, conforme foi visto, apenas este aspecto do riso está permanentemente ligado à esfera do cômico. Basta notar, por exemplo, que todo o vasto campo da sátira se baseia no riso de zombaria. E é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida. (PROPP, 1992, p. 28)

Neste sentido, se torna possível rir do homem nos mais diferentes aspectos e nas suas diversas manifestações. Podem ser motivo da comicidade os gestos, o corpo, o rosto, seus movimentos, o raciocínio sem lógica e sentido, seu caráter, seus desejos e aspirações. Assim como o que o homem diz, sua fala, ou até manifestações de uma característica antes escondida. Segundo Propp (1992, p.29), “tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso”

Dentro do conceito de humor, das leis da comicidade e dos aspectos do riso, a charge é hoje um dos gêneros linguísticos mais usados para se fazer humor. Nela, o desenho pode se tornar um eficiente meio de comunicação e ser tão intuitivo quanto o texto escrito.

Parnaíba e Gobbi (2014, sem paginação) trazem definições e conceitos de charge, mais especificamente charge jornalística, diferenciando da caricatura e do cartum:

Parente da caricatura e muitas vezes com ela confundida, a charge é uma forma de humor gráfico que figura nas páginas de jornais e revistas, em telejornais, nas rádios e na internet do mundo todo – embora o seu surgimento tenha sido anterior à imprensa. Sua estrutura básica é composta de imagem e texto, mas, dependendo do meio em que é veiculada, pode conter som e movimento ou deixar de conter algum dos elementos citados. Tendo limitações temporais e contextuais e usando, geralmente, o humor e a sátira, seu objetivo no jornalismo é o de expor uma opinião acerca de um fato importante no período em que foi publicada, sendo, por isso, considerada uma espécie de “editorial gráfico” do jornal. (PARNAIBA; GOBBI, 2014, sem paginação)

Segundo o texto, podemos considerar a caricatura como “um desenho que exagera os traços físicos ou de personalidade de uma pessoa” (PARNAIBA; GOBBI, 2014, sem paginação). Já o cartum se trata de um desenho caricatural, mas que apresenta uma situação humorística. Esse desenho é considerado atemporal e universal, pois não se prende à acontecimentos do momento.

É possível conceituar a charge como um “cartum político”, pela crítica social ou política que normalmente aparecem em seus desenhos, portanto podemos afirmar que é um gênero de característica temporal. “É interessante ressaltar ainda que a charge pode se valer da caricatura, e muito o faz, para passar sua mensagem” (PARNAIBA; GOBBI, 2014, sem paginação).

Deste modo entendemos tanto a charge como a caricatura como gênero linguístico de caráter opinativo e jornalístico, devido à sua competência para noticiar tanto quanto o texto escrito. Observamos que atualmente ocupam um espaço considerável e permanente nos jornais ou, como no caso do *Charlie Hebdo*, podem ocupar a maior parte do espaço nas folhas.

Já Oliveira e Almeida (2006) reconhecem em seu estudo a charge como gênero complexo, importante e opinativo:

É fato que apesar de utilizarem uma outra linguagem - a do desenho - charges e caricaturas não deixam de ser gêneros opinativos do Jornalismo. E não são gêneros de menor importância, ao contrário, estão no mesmo patamar, e, aliás, na mesma página, de editoriais, comentários e artigos. É preciso saber ler caricaturas e charges porque sua riqueza em mensagem crítica é enorme; trata-se de uma imagem que se compreendida em sua totalidade pode valer por mil palavras. (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 77)

Mesmo com características de gênero informativo as autoras não consideram a charge como tal, devido a sua parcialidade. Apesar do desenho tratar de atualidades, ele carrega consigo as opiniões do desenhista, portanto é partidária. Isso, segundo as autoras, não pode ser considerada como gênero informativo, “é preciso frisar que a charge é produzida pela ‘ótica do desenhista’, assim, a exemplo dos editoriais e comentários, é opinativa, e não pode ser encarada como gênero informativo” (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 82), já que “ela não é uma reprodução neutra dos acontecimentos, é parcial, e representa as convicções e posições do profissional dos traços” (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 82).

Ambas, a caricatura e a charge, são caracterizadas como “supremo tribunal”, no sentido de que ninguém está acima delas, “ela [a caricatura] põe em julgamento as personalidades ali representadas, ela censura e ridiculariza” (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p.77). Grandes autoridades, personagens polêmicos ou autoritários, mesmo governos totalitários podem aparecer em seus desenhos.

Da mesma forma a charge sentencia e mostra os fatos pelo ângulo da indignação e da ironia. No desenho, as atitudes duvidosas dos donos-do-poder são divulgadas sem qualquer tentativa de suavização ou de imparcialidade. Esse é o espaço para a crítica e para os juízos de valor. (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 77-78)

Aqui não encontramos espaço para assuntos e/ou temas proibidos. Desenhos que para alguns podem ser ofensivos e de temas considerados tabus aparecem sem o menor temor ou repressão.

Outra característica da charge é que se trata de um gênero temporal, é necessário estar bem atualizado acerca dos acontecimentos atuais para ser capaz de interpretar na sua totalidade o desenho.

Infelizmente poucas são as pessoas que compreendem charges e caricaturas em sua totalidade. Elas dependem do contexto em que ocorrem. Referem-se ao momento político do país e às personalidades da atualidade. Assim, somente aqueles que estão bem informados é que conseguem interpretá-las. (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p.78)

O mesmo texto ainda considera a charge como gênero crítico, inteligente e criativo, podendo assim trazer acontecimentos, informando o leitor acerca dele, trazer uma crítica sobre o tema e usando da ironia para se for o interesse do desenhista, ridicularizar o evento ou/e os personagens envolvidos:

a charge é crítica porque discute e opina sobre acontecimentos noticiosos, usando para tal uma outra linguagem, a do desenho. É inteligente porque consegue resumir e criticar no pequeno espaço do desenho o que há de conteúdo relevante em um fato (fato que é de importância naquela edição); de forma que o leitor compreenda do que se trata, e fique informado sobre algo importante que se passa no mundo ou no país naquele dia. Por fim, é irônica porque interpreta invocando a sátira, expondo o fato pelo ângulo do ridículo. (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p. 81-82)

O humor usado nas charges do *Charlie Hebdo* ao longo da sua história, e mais especificamente as que visavam a comunidade islâmica, incomodaram profundamente esse grupo. Como vimos, essas opiniões e visões não podem ser consideradas como universais, mas de um grupo de desenhistas e caricaturistas. Portanto, esses não necessariamente expressavam o pensamento geral da opinião pública francesa.

Neste capítulo situamos a comicidade através de algumas leis gerais e vimos que o riso tem vários aspectos. O riso de zombaria, no qual se encaixa a charge, traz a possibilidade de se rir de qualquer aspecto do homem e da manifestação humana. Já os conceitos da charge apontaram que esse gênero pode ter função crítica, mas não pode ser considerado como informativo por ser parcial e trazer a opinião do autor. O desenho pode, e no caso do *Charlie* frequentemente o faz, ridicularizar tanto o acontecimento como seus participantes, no intuito de provocar a crítica e o riso.

No capítulo a seguir vamos exemplificar o uso da charge para os fins citados. Demonstrar como o humor conseguiu ser instrutivo, crítico e ridicularizar um evento trágico que custou a vida de pessoas inocentes e marcou um país. Para isso, vamos nos utilizar de charges publicadas na edição 1178 do *Charlie Hebdo*, a edição posterior ao atentado e que veio como resposta ao ataque.

CAPÍTULO III – CHARLIE EDIÇÃO 1178 : UMA RESPOSTA AO ATENTADO

Para este trabalho de conclusão de curso escolhemos fazer um estudo de caso e a partir dele realizar uma análise do discurso desse material. Escolhemos o jornal *Charlie Hebdo* que, ao longo dos anos, conquistou seu espaço na imprensa escrita com seu estilo irreverente e seu humor considerado negro e, em certos momentos, um tanto agressivo. Para que fosse possível a realização dessa análise, escolhemos em específico a edição 1178 do jornal por se tratar de uma edição histórica, pelos motivos que já falamos, e que bateu todos os recordes de publicação e venda de qualquer jornal na França. Não se trata de um estudo rígido do discurso seguindo princípios linguísticos e/ou gramaticais, mas de uma tentativa de leitura que sintetize e expõe o sentido e intenção do cartunista.

Assim sendo, vamos aqui demonstrar de que maneira o *Charlie Hebdo* usou do humor das charges como resposta ao atentado através da ironia e de elementos satíricos em seus desenhos. Uma das características do jornal é que seus desenhos são assinados por diversos cartunistas, no caso da edição 1178, inclusive de desenhistas convidados. Sendo assim, falaremos acerca do autor que assina a charge para, em seguida, prosseguir com a análise.

Charge I

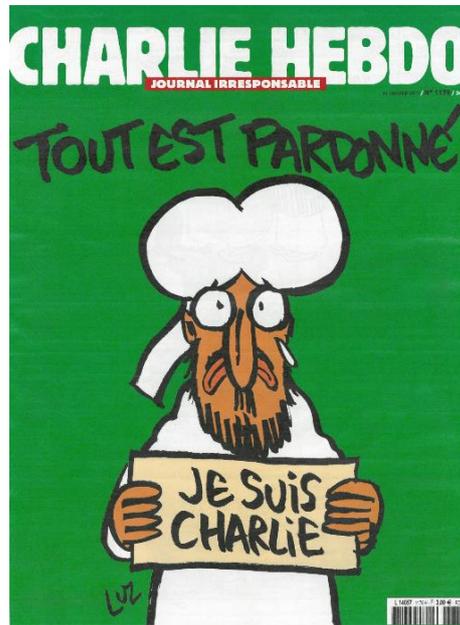


Figura 1- Charlie Hebdo, nº1178, 14 de janeiro de 2015, capa.

A capa da edição é assinada por Renald Luzier, mais conhecido por Luz. É um cartunista francês, nascido em 1972 em Tours. Ele se junta ao *Charlie Hebdo* nos anos de 1990, momento em que assina vários desenhos. Luz sobrevive ao atentado por ter se atrasado para a reunião. Naquele dia, ficou um momento a mais em casa por ser o dia de seu aniversário. Em abril de 2015, ele anuncia que não irá mais retratar esse personagem por estar farto do tema, e mais tarde, em maio, que está deixando o jornal alegando motivos pessoais, por não suportar mais a pressão. Luz naquele momento estava sob constante proteção policial.

No desenho, podemos perceber um personagem segurando uma faixa. A figura se trata de uma representação de Maomé, profeta da religião islâmica, em trajes típicos da cultura árabe. A representação da imagem do profeta, do seu rosto, é considerada blasfêmia e rigidamente proibida. O personagem tem nitidamente um semblante de tristeza, o formato da boca e sobretudo a lágrima no seu rosto ilustram bem isso. Observamos também os olhos em formato redondos, como que esbugalhados dando uma impressão de espanto.

A faixa em suas mãos traz escrito a mensagem “*Je suis Charlie*”. Essa frase ficou famosa depois do atentado por ser usada pelos milhares de manifestantes, e nas redes sociais, como demonstração de apoio ao jornal. Na parte superior do desenho, o título em letras

grossas: “*Tout est pardonné*”, como uma mensagem não do personagem, mas da equipe do jornal.

Uma característica das charges é a presença de balões. Eles são usados para que o leitor entenda que se trata da fala do personagem. Nessa charge em específico não encontramos essa propriedade. O personagem se comunica através de uma faixa e do seu semblante triste, refletindo o sentimento do jornal. A aparição por si só do personagem já é provocativa e polêmica. A publicação de desenhos desse tipo foi a causa principal que motivou o ataque. Mas com sua aparição, segurando a faixa com a conhecida frase, o desenhista nos faz pensar que até a divindade islâmica está do lado deles, que ele reprova o acontecido demonstrando tristeza.

Charge II



Figura 2- Charlie Hebdo, nº1178, 14 de janeiro de 2015, p. 2.

A charge acima é obra de Bernard Verlhac, mais conhecido como Tignous. Desenhista e cartunista francês começou a desenhar para jornais nos anos 80. Torna-se um colaborador do *Charlie Hebdo* em 1992 e mantém outros projetos em paralelo. Em 2009 foi premiado com o *prix France info* por um trabalho em histórias em quadrinhos. Foi morto em 2015, no atentado ao *Charlie*.

A charge II nos apresenta três personagens, eles aparecem sentados em uma mesa e discutindo. Vamos de início analisar a aparência. Todos vestidos de maneira similar e portando o *taqiyah*, chapéu comumente usado pela comunidade islâmica. Os traços grosseiros dos rostos desenhando uma barba malfeita, dentes desalinhados, olhos de tão espremidos que nos parecem estar fechados e narizes inchados estão bem distante de remeter a traços de um personagem heroico e/ou bondoso que costumam ter traços mais finos e melhor definidos. Muito pelo contrário, nos fazem relacionar a vilões. A postura dos três também é similar, o primeiro com seu cotovelo apoiado na mesa e segurando o queixo na mão, o segundo com os braços cruzados e o terceiro com os dedos entrelaçados indicam uma insatisfação e preocupação. Esses sentimentos também são facilmente notados a partir de suas expressões faciais que nos transmitem a sensação dos indivíduos estarem passando por algum momento tenso e desagradável.

O personagem da esquerda, o qual nos parece ser o cabeça do grupo pela sua posição mais afastada dos outros e nariz maior, nos faz pensar que é mais velho. Ele se expressa, em

um primeiro momento, na fala da esquerda “*Il ne faut pas toucher aux gens de ‘Charlie Hebdo’*”⁸, e acrescenta em seguida “*Sinon ils vont passer pour des martyrs et, une fois au paradis, ces enfoirés vont nous piquer toutes nos vierges!*”⁹. A fala do personagem remete à crença da fé islâmica que, no caso dos jihadistas, o indivíduo ao sacrificar sua vida em nome da religião, se tornando assim mártir, será “recompensado”, ao chegar no paraíso, com 72 virgens.

Podemos definir “mártir” como pessoa que sofre tormentos ou a morte por causa de suas crenças; quem se sacrifica, sofre ou perde a vida por um trabalho, experiências, etc. Com sua fala o personagem demonstra a preocupação com um suposto ataque ao *Charlie*, que, com as mortes dos desenhistas, esses poderiam ser considerados como mártires e, ao chegarem ao paraíso, receberem as virgens que deveriam estar reservadas aos agressores.

Nessa Charge, vamos falar de dois pontos irônicos. O primeiro, o desenhista tenta ridicularizar os terroristas ao propor a ideia de que os membros do jornal ficariam com as virgens, consideradas como recompensas e reservadas a eles, caso o jornal for atacado, tornando assim seus membros em mártires. O segundo, que o Tignous, autor da charge, foi uma das vítimas do real atentado, tendo, portanto, feito o desenho antes do ataque ao jornal. Com a inclusão da charge, poderíamos deduzir a transformação do desenhista em mártir recebendo assim, a “recompensa” que os personagens procuram.

⁸ Não podemos tocar nas pessoas do “Charlie Hebdo”.

⁹ Senão eles vão se transformar em mártires e, uma vez no paraíso, esses imbecis vão roubar todas as nossas virgens!

Charge III



Figura 3- *Charlie Hebdo*, nº1178, 14 de janeiro de 2015, p. 16.

Essa terceira charge é assinada por Riss. Caricaturista e desenhista de histórias em quadrinhos, Laurent Sourisseau (Riss), contribuiu para o “renascimento” do jornal em 1992 e desde então se torna colaborador e, em 2009, diretor de redação. É hoje redator de publicação, sucedendo à Charb após o atentado, onde Riss é ferido no ombro. Atualmente é dono de 70% das ações do jornal.

A charge acima é composta por uma sequência de dois quadros. No primeiro temos um personagem sentado à mesa, com uma postura encolhida e curvada aparentando cansaço, a língua para fora reforça essa ideia. À mesa uma pilha de folhas, dezenas, talvez centenas delas, no que parece ser um esboço de uma edição do *Charlie Hebdo*. E, ao lado do personagem, uma luminária nos leva a pensar que ele está trabalhando há algum tempo. A postura do personagem e essa luminária presente ao seu lado contribuem para a impressão de cansaço. No segundo quadrinho um homem encapuzado, fortemente armado e equipado, atira em algumas pessoas ao fundo. Neste momento, o destaque é no personagem encapuzado, o desenho a esquerda aparece com pouca definição e detalhes. As mãos para cima dão a entender que se trata de pessoas comuns, vítimas inocentes. O agressor, que aparece com olho

bem aberto e dentes cerrados em uma expressão agressiva, nos remete aos terroristas do atentado.

Analisando a parte verbal da charge, temos no primeiro quadro um texto apontando para o personagem. Aqui não se trata de um balão, portanto não podemos considerar como fala, mas como uma descrição da imagem. Observando a frase “*Dessinateur à ‘Charlie Hebdo’, c’est 25 ans de boulot*”¹⁰, temos a confirmação de que se trata de um colaborador do jornal. No segundo quadro, mais um texto descritivo, “*Terroriste, c’est 25 secondes de boulot*”¹¹. E no fim, na parte de baixo, como uma conclusão, “*Terroriste, un métier de feignant et de branleur*”¹².

Agora interpretando as partes verbais e não verbais da charge, no primeiro quadro o personagem, que nos parece cansado, é um membro do jornal *Charlie Hebdo*, e o texto que diz que é preciso 25 anos de profissão expressam a valorização dos profissionais não apenas do jornal, mas de imprensa em geral. Os 25 anos de profissão citados dizem respeito a toda formação e trabalho profissional. Em seguida, temos a imediata comparação, com o segundo quadro, causada pela escolha do mesmo numeral 25, sendo que no primeiro se trata de anos e no outro de segundos. Essa comparação de diferentes períodos de tempo desmerece e ridiculariza o personagem do último quadro.

¹⁰ Desenhista no “Charlie Hebdo”, são 25 anos de trabalho.

¹¹ Terrorista, são 25 segundos de trabalho.

¹² Por se tratarem de palavras da língua francesa de uso popular vamos trazer os conceitos de “*feignant*” e “*branleur*”. *Feignant*: *parresseux*. Em português “preguiçoso”. E *branleur*: *qui ne fait rien*. Em português “que não faz nada”. Traduzindo a frase completa: Terrorista, um trabalho de preguiçoso e de quem não faz nada.

Charge IV



Figura 4- Charlie Hebdo, nº1178, 14 de janeiro de 2015, p. 16.

Do mesmo criador da anterior, a charge IV é mais simples trazendo um único quadro. A repetição do personagem é clara, o mesmo homem encapuzado, equipado e fortemente armado, dessa vez aparece com uma expressão diferente da outra. Com os dois olhos bem abertos e a boca entreaberta o personagem deixa a agressividade do quadro anterior de lado para, dessa vez, aparentar estar surpreso e expressando dor. O homem atônito nos faz remeter mais uma vez aos agressores do jornal.

Na parte de baixo da charge, uma mão. Essa aparece segurando um lápis e de tamanho desproporcional em relação ao outro personagem. O objeto é utilizado pela mão para agredir, espetar em uma parte do corpo escolhida para denegrir e zombar o encapuzado.

A legenda da charge, que dessa vez aparece na parte superior, traz a mensagem: “*Nos crayons seront toujours mieux taillés que vos balles*”¹³. O pronome possessivo “*nos*” na legenda, faz referência aos donos dos lápis, mas representa não apenas o autor do desenho, e sim toda a equipe do jornal. Já o “*vos*”, que são os detentores das balas, é representado no desenho pelo encapuzado e faz alusão aos extremistas responsáveis pelo atentado.

Ao analisarmos a charge como um todo, percebemos a intenção do cartunista de colocar a imagem dos membros do jornal numa posição de superioridade em relação aos

¹³ Nossos lápis sempre serão melhores apontados do que suas balas.

terroristas. O desenho satiriza o ataque e ridiculariza os agressores com a “cutucada” do lápis nas “partes íntimas”. Constatamos também a posição do dedo mindinho da mão. O jornal não apenas se acha superior e agride, a sua maneira, mas o faz com “classe”, lembrando a maneira “chique” de se segurar uma xícara ou taça.

Charge V



Figura 5- Charlie Hebdo, nº1178, 14 de janeiro de 2015, p. 16.

A quinta charge, de autoria de Luz, o mesmo que assina a capa, traz em primeiro plano dois personagens. Ambos vestidos completamente de preto, armados e com asas em suas costas remetendo a anjos. Podemos interpretar assim que eles estão no paraíso.

O primeiro está com os olhos direcionados para o lado, nos parecendo estar olhando ou procurando algo. Já o segundo, com o dedo na boca assume uma postura pensativa, assemelhando estar confuso. Abaixo, temos uma nuvem com alguns membros de corpos aparecendo como pernas, braços e um rosto. Observamos também, um pouco acima da nuvem, corações e símbolos que indicam barulho e/ou movimentos. Esses símbolos, junto com uma mão que aparece segurando uma garrafa nos leva a crer que, ali, está acontecendo algum tipo de festividade.

Nessa charge, temos a presença de balões usados para expressar a fala dos personagens. O primeiro, “*Bah, elles sont où, les 70 vierges?*”¹⁴, é atribuído ao personagem da esquerda. O segundo, “*Avec l’équipe de Charlie, tocards!*”¹⁵, aponta para a nuvem.

¹⁴ Bah, aonde elas estão, as 70 virgens?

¹⁵ Com a equipe do Charlie, tocards! Com uso popular a palavra *tocards* significa “*Dépourvu de capacité physiques ou intellectuelles, de charme, de savoir-faire; Personne de peu de valeur, incapable, sans intérêt*”. Em português: Ausência de capacidade física ou mental, de charme, de *know-how*; Pessoa com pouco valor, incapaz, sem importância.

O tema das virgens no paraíso como recompensa está mais uma vez presente. Os dois personagens de preto claramente representam os dois terroristas que invadiram o jornal. Ambos, mais tarde, foram mortos pela polícia. O cartunista usa como ferramenta a crença da fé islâmica, a do agressor, para satirizar e ironizar os radicais. Ao realizar o ataque, os terroristas acreditam estarem vingando sua religião, fazendo assim um ato louvado e corajoso. Pelos seus serviços seriam então recompensados ao chegarem ao paraíso. A charge brinca com a ideia que a recompensa na verdade foi dada aos cartunistas e não aos radicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização desse trabalho, procuramos escolher maneiras de responder ao nosso problema de pesquisa. Vemos nas considerações finais o caminho percorrido para alcançar essa elucidação.

Em nosso estudo, as charges foram selecionadas sistematicamente por seguir o enredo que trouxemos como também pela sua importância. Dito isto, nós as escolhemos pelo papel desenvolvido na edição 1178 do jornal.

Consideramos o aporte da charge, com a sua linguagem tanto verbal como não-verbal, usos de diversos tipos de discurso, e múltiplas interpretações, assaz diferente dos demais gêneros linguísticos utilizados em jornais. Dessa maneira, procuramos estudar as cinco charges escolhidas explorando sentidos e interpretações.

Por meio da análise das imagens das charges podemos entender a significação que os desenhos carregam. Dessa forma, observamos que o jornal *Charlie Hebdo* teve êxito ao se posicionar contra o ataque terrorista através da utilização de charges. Nos cinco desenhos selecionados, os membros do jornal se utilizam do humor como instrumento predominante mantendo o estilo próprio que os caracteriza.

Entendemos que a função da comicidade na produção de um discurso crítico se torna um poderoso recurso, pois através do cômico é possível discorrer sobre assuntos delicados e acontecimentos polêmicos com ironia e, no caso do *Charlie*, certa acidez. O principal dispositivo de que se utiliza o jornal é o humor irônico, mesmo passando por um momento de perdas e profundo luto.

Acerca das charges que analisamos, podemos perceber os traços pessoais de cada autor, não apenas no desenho, mas também na maneira de abordar o tema e transmitir uma mensagem. As charges, no entanto, se relacionam por todas tratarem, com o uso do humor, a mesma questão. Assim sendo, junto ao humor característico do jornal, tivemos a oportunidade de perceber o estilo de cada cartunista, as diferentes maneiras de se comunicarem, o uso ou não de balões de fala, os traços e características dos personagens, entre outros aspectos.

A partir do estudo desse trabalho podemos perceber a competência e destreza com as quais os caricaturistas empregam o humor e a ironia em seus desenhos. Com isso, entendemos

nitidamente o impacto que uma charge pode causar aos olhos da opinião pública. Não havia motivos para o riso depois do evento que atingiu o jornal e chocou a França, no entanto observamos nesse sentido a eficácia dos cartunistas do *Charlie Hebdo* em, através da charge, produzir o humor irônico característico do jornal e que as pessoas abraçaram como bandeira e exemplo de liberdade de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. **O riso : ensaio sobre o significado do cômico**. Tradução de Guilherme de Castilho. 2 ed. Lisboa: Guimarães, 1993.

BETEGA, Lidiana da Silva. **O Pasquim nos anos de chumbo (1969-1971) : a charge como crítica ao regima militar**. 2012. Trabalho Final de Graduação, Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/269712318/BETEGA-L-S-O-Pasquim-nos-anos-de-chumbo-pdf>> Acesso em : 24 de outubro de 2018.

BOURQUIN, Susie; CHARRIER, Mathieu. **Charlie Hebdo : um « número de survivants » mercredi prochain**. Disponível em : <<http://www.europe1.fr/medias-tele/charlie-hebdo-quel-avenir-pour-le-journal-2338323>> Acesso em : 09 de novembro de 2018.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**. Vol. 10. São Paulo : Atica, 1975, p. 25-135.

CHARLIE HEBDO. Paris: nº1178, 2015 – Semanal.

_____. Disponível em : <<https://charliehebdo.fr/>> Acesso em : 23 de outubro de 2018.

CNRTL. **Ortolang, outils et ressources pour un traitement optimisé de la langue**. Disponível em : <<http://www.cnrtl.fr/>> Acesso em : 23 de outubro de 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. Ed. Curitiba : Positivo, 2010.

LAERTE-SE. Direção de Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum. São Paulo: TRU3LAB, 2017, Documentário Original Netflix. Acesso em 24 de outubro de 2018.

LAUNET, Edouard. **Wolinski, ex-rédacteur en chef de « Charlie mensuel », se souvient de « Peanuts » « Ça serait bien de renouer avec ce genre de BD »**. Disponível em : <https://www.liberation.fr/evenement/2000/02/14/wolinski-ex-redacteur-en-chef-de-charlie-mensuel-se-souvient-de-peanuts-ca-serait-bien-de-renouer-av_315824> Acesso em : 09 de novembro de 2018.

LIBÉRATION. **Mahomet en une du « Charlie Hebdo » de mercredi**. Disponível em : <https://www.liberation.fr/france/2015/01/12/mahomet-en-une-du-charlie-hebdo-de-mercredi_1179193> Acesso em : 09 de novembro de 2018.

MATTEI, Julian. **Pluie de dons pour sauver « Charlie Hebdo »**. Disponível em : <https://www.lepoint.fr/medias/pluie-de-dons-pour-sauver-charlie-hebdo-14-01-2015-1896417_260.php#xtmc=pluie-de-dons-pour-sauver-charlie-hebdo&xtnp=1&xtr=1> Acesso em : 09 de novembro de 2018.

MEDEIROS, Sandra Helena Gurgel Dantas de. Ensino de francês língua estrangeira (FLE) e história em quadrinhos : uma descoberta sociocultural. **Revista temática**, ano VII, n. 07, 2012.

MERIEVERTON, Robson. **Os principais ataques terroristas à França**. Disponível em : <<https://www.estudopratico.com.br/os-principais-ataques-terroristas-a-franca/>> Acesso em : 09 de novembro de 2018.

NABÃO, Rosângela. **Um olhar sobre o gênero textual histórias em quadrinhos**. Plano de desenvolvimento do Parana. Disponível em <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_rosangela_martins_nabao.pdf> Acesso em : 24 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda de; ALMEIDA, Lara Monique. **Gêneros jornalísticos opinativos de humor: caricaturas e charges**. Janus, vol. 3, 2006.

PARNAIBA, Cristiane dos Santos ; GOBBI, Maria Cristina. **Charge Jornalística : definição, histórico e funções**. Trabalho apresentado no GT 17 – Historia de la Comunicacion do XII Congreso de la Asociación Católica do Peru. Pontificia Universidade Católica do Peru, Lima, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. Ed. Contexto, 2010.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo : Ática, 1992.

RIBAS, Aglaé Tereseinha Moro; MARQUES, Ludimilia Machado; CORSI, Margarida da Silveira. Cultura e identificação nacional do povo francês através dos personagens *Astérix* e *Obélix*. In: GUEDES, Ana Paula; SOUZA, Adalberto de Oliveira (Org.). **Estudos franceses : concepções educacionais, linguísticos e culturais – língua e ensino**. 01. ed. Maringá : Eduem, 2014.

SANTI, Pascale. **Cavanna et « les cons »**. Disponível em : <https://www.lemonde.fr/livres/article/2006/02/14/cavanna-et-les-cons_741216_3260.html> Acesso em : 09 de novembro de 2018.

_____. **« Charlie Hebdo » publie les caricatures de Mahomet**. Disponível em : <https://www.lemonde.fr/a-la-une/article/2011/11/03/2006-charlie-hebdo-publie-les-caricatures-de-mahomet_1597782_3208.html> Acesso em : 09 de novembro de 2018.

TAVARES, Mayara Barbosa. **O uso das histórias em quadrinhos no contexto escolar : contribuições para o ensino/aprendizagem crítico-reflexivo**. Artigo – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Disponível em : <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao16/ic_003.pdf> Acesso em : 21 de outubro de 2018.

ANEXO

CHARLIE HEBDO

JOURNAL IRRESPONSABLE

14 JANVIER 2015 / N° 1178 / 3€

TOUT EST PARDONNÉ



N° 1178 • FRANCE MÉTROPOLITAINE : 3 € • BEL/LUX : 3,30 € • ALLEMAGNE : 4 € • AND. : 5 € • ESP/POR. CONT. : 3,50 € • DOM.A. : 4,30 € • DOM.A. : 4,30 € • CAN. : 4,20 € • CH. : 5,10 € • CAN. : 6,50 € • NCA/A. : 7,00 € • CFP. : 7,00 € • CFP. : 7,00 € • POL/S. : 7,00 € • CFP. : 7,00 € • TUNISIE : 5,9 € TND

www.charliehebdo.fr

L 14057 - 1178 H - F : 3,00 € - RD



YALTA AU VATICAN

le livre-testament de Sœur Emmanuelle.
ICI-PAS JE ME MASTURBAIS.



AU PARADIS,
JE VAIS SUCER
DES QUEUES!

MOI, JE GARDE
LE SECTEUR OUEST

TOI, TU GARDES
LE SECTEUR EST



L'APÉRO DE GÉRARD BIARD

EST-CE QU'IL Y DES « OUI »

Depuis une semaine, *Charlie*, journal athée, accomplit plus de miracles que tous les saints et prophètes réunis. Celui dont nous sommes le plus fiers, c'est que vous avez entre les mains le journal que nous avons toujours fait, en compagnie de ceux qui l'ont toujours fait. Ce qui nous a le plus fait rire, c'est que les cloches de Notre-Dame ont sonné en notre honneur... Depuis une semaine, *Charlie* soulève à travers le monde bien plus que des montagnes. Depuis une semaine, comme l'a si magnifiquement dessiné Willem, *Charlie* a plein de nouveaux amis. Des anonymes et des célébrités planétaires, des humbles et des nantis, des mécréants et des dignitaires religieux, des sincères et des jésuites, des que nous garderons pour la vie et des qui ne sont que très brièvement de passage. Aujourd'hui, nous les prenons tous, nous n'avons pas le temps ni le cœur de faire le tri. Nous ne sommes pas dupes pour autant. Nous remercions de tout notre cœur ceux, par millions, qu'ils soient simples citoyens ou qu'ils incarnent les institutions, qui sont vraiment

La laïcité, point final
à nos côtés, qui, sincèrement et profondément, « sont *Charlie* » et qui se reconnaîtront. Et nous emmerdons les autres, qui de toute façon s'en foutent...

Une question, quand même, nous tarabuste : est-ce qu'on va enfin faire disparaître du vocabulaire politique et intellectuel le sale mot de « laïcard intégriste » ? Est-ce qu'on va enfin arrêter d'inventer de savantes circonvolutions sémantiques pour qualifier parallèlement les assassins et leurs victimes ?

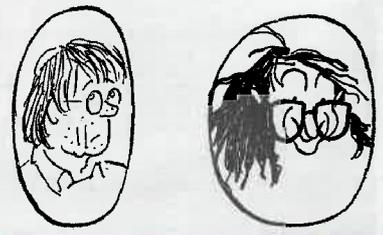
Ces dernières années, nous nous sommes sentis un peu seuls, à tenter de repousser à coups de crayon les saloperies franches et les finasseries pseudo intellectuelles qu'on nous jetait au visage, et au visage de nos amis qui défendaient fermement la laïcité : islamophobes, christianophobes, provocateurs, irresponsables, jeteurs d'huile sur le feu, racistes, vous-l'avez-bien-cherché... Oui, nous condamnons le terrorisme, mais. Oui, menacer de mort des dessinateurs, ce n'est pas bien, mais. Oui, incendier un journal, c'est mal, mais. Nous avons tout entendu, et nos amis aussi. Nous avons souvent essayé d'en rire, parce que c'est ce que nous faisons le mieux. Mais nous aimerions bien, maintenant, rire d'autre chose. Parce que ça recommence déjà. Le sang de Cabu, Charb, Honoré, Tignous, Wolinski, Elsa Cayat, Bernard Maris, Mustapha Ourrad, Michel Renaud, Franck Brinsolaro, Frédéric Boisseau, Ahmed Merabet, Clarissa Jean-Philippe, Philippe Braham, Yohan Cohen, Yoav Hattab, François-Michel Saada, n'avait pas encore séché que Thierry Meyssan expliquait à ses fans Facebook qu'il s'agissait, évidemment, d'un complot judéo-américano-occidental. On entendait déjà, çà et là, les fines bouches faire la moue devant le rassemblement de dimanche der-

ENFIN
L'IPHONE 5

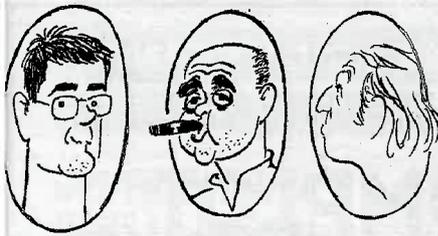


IL NE FAUT PAS
TOUCHER AUX GENS DE
"CHARLIE HEBDO"...

" SINON, ILS VONT PASSER POUR DES MARTYRS ET, UNE FOIS
AU PARADIS, CES ENFOIRÉS
VONT NOUS PIQUER TOUTES
NOS VIERGES!



CE NUMÉRO EST EN VENTE DURANT DEUX SEMAINES



AURA ENCORE MAIS » ?

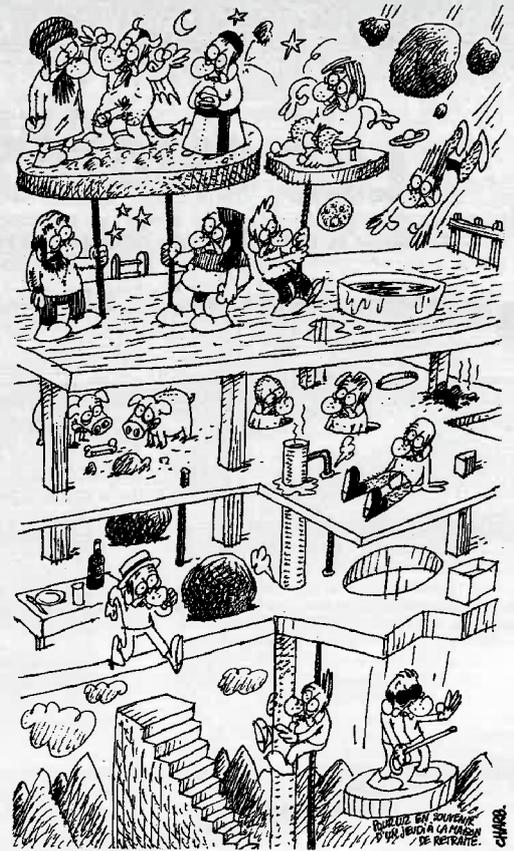
nier, bavant du coin des lèvres les éternelles arguties visant à justifier, ouvertement ou à bas bruit, le terrorisme et le fascisme religieux, et s'indignant, entre autres, que l'on célèbre les policiers = SS. Non, dans ce massacre, il n'y a pas de morts moins injustes que d'autres. Franck, qui est mort dans les locaux de Charlie, et tous ses collègues abattus au cours de cette semaine de barbarie sont morts pour défendre des idées qui, peut-être, n'étaient même pas les leurs.

Nous allons quand même essayer d'être optimistes, bien que ce ne soit pas la saison. Nous allons espérer qu'à partir de ce 7 janvier 2015 la défense ferme de la laïcité va aller de soi pour tout le monde, qu'on va enfin cesser, par posture, par calcul électoral ou par lâcheté, de légitimer ou même de tolérer le communautarisme et le relativisme culturel, qui r'ouvrent la voie qu'à une seule chose: le totalitarisme religieux. Oui, le conflit israélo-palestinien est une réalité, oui, la géopolitique internationale est une succession de manœuvres et de coups fourrés, oui, la situation sociale des, comme on dit, « populations d'origine musulmane » en France est profondément injuste, oui, le racisme et les discriminations doivent être combattus sans relâche. Il existe heureusement plusieurs outils pour tenter de résoudre ces graves problèmes, mais ils sont tous inopérants s'il en manque un: la laïcité. Pas la laïcité positive, pas la laïcité inclusive, pas la laïcité-je-ne-sais-quoi, la laïcité point final. Elle seule permet, parce qu'elle prône l'universalisme des droits, l'exercice de l'égalité, de la liberté, de la fraternité, de la sororité. Elle seule permet la pleine liberté de conscience, liberté que nient, plus ou moins ouvertement selon leur positionnement marketing, toutes les religions dès lors qu'elles quittent le terrain de la stricte intimité pour descendre sur le terrain politique. Elle seule permet, ironiquement, aux croyants, et aux autres, de vivre en paix. Tous ceux qui prétendent défendre les musulmans en acceptant le discours totalitaire religieux défendent en fait leurs bourreaux. Les premières victimes du fascisme islamique, ce sont les musulmans.

Les millions de personnes anonymes, toutes les institutions, tous les chefs d'État et de gouvernement, toutes les personnalités politiques, intellectuelles et médiatiques, tous les dignitaires religieux qui, cette semaine, ont proclamé « Je suis Charlie » doivent savoir que ça veut aussi dire « Je suis la laïcité ». Nous sommes convaincus que, pour la majorité de nos soutiens, cela va de soi. Nous laissons les autres se démerder avec ça.

Une dernière chose, importante. Nous voudrions envoyer un message au pape François, qui, lui aussi, « est Charlie » cette semaine: nous n'acceptons que les cloches de Notre-Dame sonnent en notre honneur que lorsque ce sont les Femem qui les font tinter. 10

LES DIVORCÉES POURRONT COMMUNIÉR



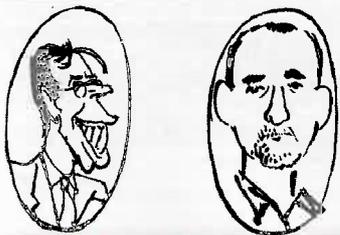
Violente attaque du Pape contre la curie romaine Papes de tous les pays, unissez-vous!



QUEL AVENIR POUR NOS DJIHADISTES?



C'est comment, UNE CELLULE ISLAMISTE?



AU BOUT DU TUNNEL... LA FRANCE AU BOUT DU TUNNEL... LA FRANCE

INSTRUMENTALISATION

LES CHAROIGNARDS DU COMLOT

La théorie du complot possède cette particularité qu'elle est impossible à démonter : chaque élément apporté pour la déconstruire est interprété par les complotistes comme une « preuve » supplémentaire qu'ils ont raison.

La rupture de confiance entre une bonne partie des citoyens, les élites et les médias donne naissance à une contre-culture qui s'exprime surtout sur le Net et les réseaux sociaux. Son postulat est de contester la réalité matérielle des faits sur lesquels l'histoire fait consensus, au motif précisément qu'elle est un narratif « officiel », donc destiné à enfumer le peuple sur les funestes desseins des gouvernants, des lobbies réels ou imaginaires et d'une profession journalistique « aux ordres ». Dès avant l'ère d'Internet, de telles théories ont fleuri dans un délai très bref après les événements qu'elles voulaient récrire : entre la libération des camps d'extermination nazis en janvier 1945 et la parution des premiers ouvrages négationnistes, il se passe moins de cinq ans. Le passage de l'écrit au Net dans la formation d'une partie de l'opinion a provoqué, dès la fin des années 1990, une accélération du complotisme : dès les attentats du 11 septembre 2001, les pompiers sont encore à Ground Zero qu'Al-Qaïda se voit exonéré d'avoir exécuté le carnage. C'est exactement ce qui s'est passé mercredi dernier, après l'exécution méthodique et programmée de nos amis par un commando islamiste. C'est ce qui s'est répété deux jours après, lorsqu'un attentat antisémite, commis par des adeptes de la même idéologie, a tué des Français juifs à la porte de Vincennes.

Dès le 7 janvier, depuis Damas, Thierry Meyssan et son Réseau Voltaire expliquent que l'attentat contre *Charlie Hebdo* « n'a pas de lien avec l'idéologie djihadiste », qu'il est en réalité commandité par les États-Unis, par « les néo-conservateurs et les faucons libéraux ». Israël n'est pas mentionné, mais d'autres, au quotient intellectuel inférieur (ou « dérangés », terme à la mode), s'en sont chargés : Alain Benajam, lui aussi du Réseau Voltaire, incrimine le Mossad et la CIA, tandis que le Parti antisioniste pointe la responsabilité du « sionisme » (nom de code, chez lui, pour « les juifs »). Sur le site d'Alain Soral, de nombreux commentaires abondent dans le même sens, tandis que d'autres complotistes préfèrent, à l'instar du site américain McClatchy, expliquer que les frères Kouachi étaient instrumentalisés... par les services secrets français.

DE COPERNIC À CARPENTRAS

Si on laisse de côté les indémodables tarés de l'ultradroite antisémite, pour qui tout est « sioniste » et « juif », il ne faut pas se leurrer : ce complotisme est un problème de la gauche radicale et de la sous-culture islamo-gauchiste qui sévit sur les forums. L'assassinat de Joulès-Tours ? Une manipulation policière. L'attentat contre



Charlie ? La faute de l'impérialisme américain. Le meurtre antisémite de la porte de Vincennes : un coup de billard à trois bandes d'Israël. À partir de la constatation juste que tout cela crée en France un climat de suspicion généralisée de tous envers tous, et avant tout envers les individus « musulmans », le complotisme aboutit, comme toujours depuis quinze ans, à exonérer totalement l'islamisme et l'islamisme radical de toute responsabilité morale et matérielle dans le terrorisme et l'intimidation intellectuelle qui sévissent en France.

Il faut être lucide : dans notre pays, ce mécanisme de négation de la responsabilité islamiste fait contraste avec la promptitude à mettre sur le dos de « l'extrême droite » des attentats ou actes qu'elle n'a pas commis, rue Copernic ou à Carpentras. Lorsque des nazillons ont fait sauter des foyers de migrants, quand Clément Méric et Brahim Bouarram ont été tués, les faits objectifs n'ont guère été contestés, sinon par cette mouance elle-même. Les complotistes manient le « deux poids, deux mesures ». Ce faisant, ils supposent une présomption d'innocence de l'islam qui est l'exact revers du soupçon de culpabilité généralisé pesant sur les supposés musulmans et les assignant à résidence.

Joan-Yves Camus

ENQUÊTE

ANTITERRORISME : DES TROUS DANS LE FILET

Manuel Valls a décrété qu'avec 17 morts après les attentats de la semaine dernière il devait bien y avoir une « faille » dans le dispositif antiterroriste. Mais qui a organisé le renseignement en France aujourd'hui, et comment ?

Des « trous dans la raquette », voilà l'expression utilisée par les flics pour décrire comment, en dépit d'un arsenal antiterroriste très lourd, deux terroristes déguisés en ninjas peuvent réussir à semer la terreur en plein Paris. Des trous dans la raquette, il y en avait déjà eu avec Merah, puis avec Nemmouche, du nom de celui qui a commis en mai 2014 les meurtres du musée juif de Bruxelles. En décembre 2012, il avait été facile pour le pouvoir actuel de politiser, grâce à une commission d'enquête parlementaire, le massacre commis par le tueur au scooter de Toulouse : le massacre avait eu lieu en mars, sous l'ère Sarkozy. Le procès des services était d'autant plus facile à faire qu'ils étaient alors dirigés par les hommes de Sarko.

Mais en janvier 2015, ce n'est plus le cas. Valls a achevé la réforme du renseignement intérieur lancée par Sarkozy : la fusion des RG (renseignement de terrain) et de la DST (contre-espionnage). Cela a donné la DCRI (Direction centrale du renseignement intérieur), transformée par Valls en DGSI (Direction générale de la sécurité intérieure), dotée d'un budget propre, directement rattachée au ministre de l'Intérieur. Un grand chantier destiné à en faire la crème de la crème des contre-espions. Alors, au-delà des nombreuses questions sur les faits toujours en suspens à l'heure du bouclage du journal, que s'est-il passé pour que les trous dans la raquette soient si larges ?

CHAPE DE PLOMB

À Matignon, on veut croire qu'il n'y a pas eu de « faute ». « Il s'agit bien d'un échec, analyse un autre proche du gouvernement. Mais y a-t-il eu un dysfonctionnement ? On n'en sait rien. » Selon ce dernier, pour qui les terroristes n'auraient rien planifié par eux-mêmes, mais se seraient « adossés à une organisation » pour commettre les attentats, il est désormais impossible de prévoir un



passage à l'acte. D'où un léger problème, comme le raconte à *Charlie* un connaisseur des arcanes de la DGSI. « Aujourd'hui, la DGSI est quasiment la seule à se charger du terrorisme islamiste,

explique-t-il. Les structures de coordination au ministère ne sont plus vraiment utiles, depuis que les violences corses et basques ont été rétrogradées dans l'échelle des priorités. »

Du coup, elle s'approprie le secteur, mais en misant principalement sur les écoutes, les données satellitaires ou autres joujoux électroniques, et quasiment plus sur les hommes. Sur le terrain, il n'y a donc plus personne ou presque. « Les terroristes, qui font très attention en parlant au téléphone, ont acheté des armes, des tenues, ils se sont entraînés... Tout cela, les sources techniques ne peuvent le révéler », poursuit cet expert. En ce moment, 436 personnes sont en train d'être recrutées à la DGSI : essentiellement des ingénieurs. Pas le profil à aller enquêter sur le terrain...

La DGSI travaille dans son coin, les services d'espionnage extérieur aussi, le tout sous la chape de plomb du secret-défense. Les services sont censés partager leurs tuyaux, mais, en réalité, « chaque chasseur garde son gibier ». Visiblement, la DGSI n'avait pas eu en main les informations opérationnelles obtenues par Washington sur les déplacements au Yémen des frères Kouachi, les auteurs de la fusillade à *Charlie*, un Yémen évoué par l'un des deux lorsqu'il emmène de force l'une de nos dessinatrices jusqu'au journal, ce 7 janvier, puis aussi lorsqu'il ouvre le feu dans les locaux. Ces infos ont-elles réellement été fournies à la France par les Américains, comme ils l'assurent ? La DGSE en a-t-elle été la destinataire, « oubliant » de rebasculer à la DGSI ? Encore un point à éclaircir. Selon les dernières hypothèses, l'organisation yéménite Al-Qaïda dans la péninsule arabique aurait en effet envoyé les Kouachi commettre leur œuvre barbare au journal, Daech était commanditaire des atrocités de Coulibaly, le troisième tueur.

Manuel Valls promet donc de prendre de nouvelles mesures afin de renforcer encore un arsenal déjà ultrarapressif, voire de couper des têtes. Oubliant, dans un bel exercice de communication, que l'organisation de renseignement d'aujourd'hui n'est autre que son grand œuvre.

Laurent Léger

MANIF : 3 MILLIONS SELON LES ORGANISATEURS ET SELON LA POLICE, CHERCHEZ L'ERREUR.

À PAS DE CHIEN

Tictictictic... À *Charlie*, nous avons un chien, un cocker roux qui s'appelle Lila. Bon, en vrai, il n'est pas à nous tous, seulement à Éric. Dans l'équipe, c'est Cabu qu'il préfère. Ce mercredi 7 janvier, il lui fait une de ces fêtes. Il faut dire que, sur la table de rédaction, il y a des galettes bretonnes apportées par Coco et un gâteau marbré que j'ai acheté pour marquer l'anniversaire de Luz. À coup sûr, Cabu va lui donner sa part.

Tictictictic... À *Charlie*, nous avons un chien, un cocker roux qui raye le parquet. Riss et Charb se foutent parfois de sa gueule pour que Luce prenne sa défense et lui caresse le haut du crâne. Honoré préfère les chats. Tignous, les mômes. Wolinski, lui, a un faible pour Catherine et Zineb.

Tictictictic... À *Charlie*, nous avons un chien, un cocker roux qui assiste à nos débats. « Pour ou contre *Louis de Funès* ? » Jean-Baptiste est plutôt pour. Curieusement, Philippe aussi. Fabrice s'en fout, il veut que notre planète tourne rond. Avant de répondre, Laurent doit mener une enquête. Antonio a intrépidement été contre. Gérard fait l'arbitrage. Pelloux dit : « J'ai son portable » (à de Funès).

Tictictictic... À *Charlie*, nous avons un chien, un cocker roux qui passe et repasse par le bureau de Mustapha. Bernard ne l'entend pas, il se marre (de son rire qui a un accent du Sud-Ouest... Ouais, c'est possible) en regardant Elsa faire de grands gestes pour nous parler de Lacan.

À *Charlie*, nous avons un chien, un cocker roux qui ne comprend pas pourquoi, le mercredi, il y a tant de personnes. Le reste de la semaine, seuls Angélique, Simon et Cécile lui tiennent compagnie. Le lundi, il a la chance de croiser Martine.

Pop pop pop pop... Puis, un silence de mort. Jean-Luc et moi restons à terre.

Soudain : Tictictictic!

À *Charlie*, nous avons un chien, un cocker roux qui nous signale que c'est bon, que nous pouvons maintenant nous relever, ils sont partis.

Lila a été épargnée. Peut-être parce qu'elle est une femelle.

À tous mes amis. Et aux autres.

ON NE VA PAS TOUS MOURIR

Au Zaïre, le jour de la prise de Kinshasa par les troupes de Kabila, mes copains de la radio nationale sont partis au boulot en me rassurant : « Ne t'en fais pas, on ne va pas tous mourir. »

En Guinée, avant de s'élancer sur un pont vaguement maintenu en l'air par quelques boulons rouillés, le chauffeur de taxi-brousse a rigolé : « C'est l'homme qui a peur, sinon y a rien ! »

Aujourd'hui, c'est le continent africain que j'ai envie de convoquer aux funérailles de mes frangins de *Charlie*. Pour rester en famille. « Nous sommes tous des Africains ! » est un slogan qu'ils auraient adoré. S'en-fout-la-mort et droit devant. Et tant pis pour « les jaloux saboteurs aux yeux de crocodile », comme chantait maître Gazonga le Tchadien. *Charlie* ou la mort, nous vaincrons !

Crever, c'est déjà assez chiant comme ça pour pas qu'en plus on ait la trouille. C'est Cabu qui disait ça. Il m'avait raconté en pouffant derrière ses petites lunettes rondes qu'avant de mourir Reiser avait demandé que les dames viennent à son enterrement en porte-jarretelles et sans culotte. Et qu'elles lui rendent un dernier hommage en enjambant sa tombe... Qu'auraient souhaité Charb, Oncle B, Tignous, Honoré, Wolinski, Mustapha, Elsa, Cabu, Franck, Ahmed, Michel et Frédéric ? Je ne sais pas. Mais j'ai envie de croire qu'ils auraient apprécié qu'on les honore en buvant du vin de palme sur un air de rumba. « On ne va pas chialer, quand même ! » s'était écrit Cavanna à la mort de Gédé.



VU ET ENTENDU DANS UNE RUE DU XI^e ARRONDISSEMENT DE PARIS, LE 8 JANVIER 2015.



Riad Sattouf

QUAND « CHARLIE » AVAIT 20 ANS

En 1968 s'est produit un événement mémorable : Cavanna a fait un édito dans *Hara-Kiri* qui disait en gros que son journal était un journal politique et que seuls les couillons ne s'en étaient pas aperçus. J'en faisais partie, avec d'autres couillons du lycée Pierre-de-Fermat. Après *Hara-Kiri*, *Charlie* est arrivé, puis *Charlie* nouvelle formule, qui sont devenus de plus en plus ouvertement « politiques ». Ça veut dire quoi, politique, pour un journal satirique qui n'aime pas vraiment les politiciens ? Sarko-caca, Hollande-cucul (allusion, vous l'aurez noté, au caractère finement sexuel et scatologique de *Charlie Hebdo*) ? Pas du tout. Ça veut dire « donneur de leçons » ? Non point. Alors, c'est le ricane-ment cynique ? Non, ce n'est pas le ricane-ment cynique. Le cri du partisan, alors ? Là, vous approchez. *Charlie* est plutôt de gauche, même si certains qui se disent sinistres (fine et cuistre allusion à l'étymologie de « sinistre ») sont d'affreux réactionnaires ; moi, par exemple, qui, contrairement à Cavanna, reste un ennemi radical du progrès et rêve de revenir à la bougie pour éclairer ma femelle décorant la grotte Chauvet avant de me ruer, ébloui, sur elle. *Charlie* de gauche, oui, mais se donnant la possibilité de réagir sur tout

*Trouver 50 milliards...
La lutte contre la fraude fiscale devrait rapporter
près de 18 Mds en 2014 (sur un total estimé de 50 à 80 Mds)
le fric est en grande partie planqué en Suisse.*



Ministre des Finances recevant un accueil chaleureux.

pas avec certains. Les électeurs du FN (contrairement à beaucoup d'hommes politiques) et les chasseurs, par exemple. « Chasseurs, gros cons » achève avant qu'elle ne débute toute discussion. Autres exemples : les islamistes, les homophobes, etc. *Charlie* a osé publier les caricatures de Mahomet, et si ce n'est pas un acte de grand courage politique, ça y ressemble.

Tout au long de ces dessins, vous verrez évoluer les lignes politiques de *Charlie*. Vous découvrirez — rarement — ses faiblesses, quand l'invective masque le manque de pensée. Ses faiblesses, qui sont autant d'interrogations sur ce qui fait le sel de la vie.

Car la politique selon *Charlie* ne consiste pas à déclamer, mais à interroger : pourquoi la vie n'est-elle pas celle que nous rêvons, poétique, pacifiée, intelligente, argumentée et argumenteuse, spéculative, contradictoire, mais telle qu'aucune contradiction, aucune chamaillerie ne puisse au terme d'une belle discussion se dissoudre dans un verre de rouge et jamais dans une flaque de sang ? La politique de *Charlie* est non violente et non haineuse. Elle est gaie. Elle se veut ainsi. Aucun problème politique ne doit résister à un bon rire. Riez, amis, riez. Il paraît qu'au moment d'être fusillé Cavanna rigolait.

*La banque du Vatican 6,3 Mds €
Le Pape avait envisagé sa fermeture
pure et simple. Elle était soupçonnée
de blanchiment
lié à la mafia.
Mais il ne la
fermera pas...*



— St Pierre n'avait pas de compte en banque mais la mafia si !

événement social, international, qui hérisse les poils de l'intelligence, laquelle est poilue, un peu plus que la poésie.

Ainsi, *Charlie* a proposé l'interdiction du Front national. Plus tard, *Charlie* a soutenu les altermondialistes, ATTAC et tous ceux qui disaient : « Un autre monde est possible. » Tout le monde était à peu près d'accord. Ensuite, *Charlie* dans ses éditos a soutenu les bombardements de l'OTAN sur la Serbie. Une partie de l'équipe était contre. Ensuite, *Charlie*, toujours dans ses éditos, a dit Vive l'Europe ! et oui au traité constitutionnel. Une partie de l'équipe était contre. De même

sur le conflit israélo-palestinien : certains étaient pro-israéliens, d'autres propalestiniens. De même sur le 11-Septembre. Aucun de ces débats ne fut « Café du commerce ». Les éditos étaient longs et argumentés. Les dessins étaient frappants et pleins de sens (l'avantage d'un dessin, c'est qu'il n'a pas à être long et argumenté). Ensuite, *Charlie* est devenu farouchement anti-Sarko, ce qui a posé un problème : la négation tint un temps lieu de pensée. C'est très difficile de ne pas céder à l'invective, à l'insulte ou au ricane-ment cynique. Sauf que *Charlie* ne discute



— c'est un Blitzkrieg !

Malgré un mauvais résultat (0,2%), Merkel autorise une hausse générale de salaires.

ANTONIO FISCHETTI

MÊME PAS MORTS

Dans la salle de réunion, j'étais généralement aux côtés de Tignous, Honoré et Elsa. Ils sont ceux que je connais le mieux, et, de toute façon, je n'aurais pas la place pour parler des autres. Mais d'abord, sachez que je n'étais pas avec eux mercredi dernier, car j'assistais aux funérailles de ma tante Michellina. Avoir la vie sauve grâce à un enterrement : il y en a un que ça aurait fait piler de rire, c'est Tignous.

Malgré son nom qui signifie « petite teigne » en occitan, Tignous était un vrai gentil. Il aimait les gens, tous les gens (sauf les vrais connards confirmés, et alors, la teigne se réveillait). Je l'ai vu dessiner dans toutes les situations, dans la boue, en courant devant des vigiles, et même la main dans la poche pour ne pas se faire repérer. Il s'immobilisait tel un félin devant sa proie pour capturer chaque détail de la scène, pendant que son stylo dansait en souplesse sur le papier. Quand il dessinait un visage, il y cherchait toujours quelque chose d'attachant, une sensibilité, une naïveté, une fragilité, en somme une humanité qu'il révélait en trois coups de crayon. Cela s'appelle de la bienveillance. Il montrait toujours leurs caricatures à ceux qu'il dessinait. Alors, ils se marraient, et du coup Tignous aussi. Il jouissait de cette connivence. J'ai



TIGNOUS

aussi l'Histoire. Il adorait détourner des images célèbres, de tableaux, de films ou de pubs. Dans l'univers d'Honoré, les gargouilles de Notre-Dame portent des masques à gaz, les panneaux autoroutiers posent des questions philosophiques, Chaplin et son Kid deviennent des racailles de cité, les gorilles jouent de la guitare électrique, et les grands noms de la littérature sont des rébus. À l'heure de la palette graphique et de

tellement fait de reportages avec Tignous que, lorsque je rencontre un nouveau visage, je visualise mentalement le dessin qu'il en aurait fait. Du coup, la personne me semble un peu plus sympathique. Tignous a changé mon regard sur les gens.

D'Honoré, je garde l'image d'un poète et d'un conteur. Quand il vous saluait, il s'inclinait légèrement, en vous demandant droit dans les yeux : « Tu vas bien ? » Honoré adorait raconter des histoires, et c'était toujours passionnant. D'ailleurs, il lui arrivait toujours des choses incroyables, comme sa découverte d'un dessin de Raymond Queneau dans une benne à papiers. Il aimait les histoires, mais aussi l'Histoire. Il adorait détourner des images célèbres, de tableaux, de films ou de pubs. Dans l'univers d'Honoré, les gargouilles de Notre-Dame portent des masques à gaz, les panneaux autoroutiers posent des questions philosophiques, Chaplin et son Kid deviennent des racailles de cité, les gorilles jouent de la guitare électrique, et les grands noms de la littérature sont des rébus. À l'heure de la palette graphique et de

Google Images, Honoré faisait de la résistance esthétique. Il dessinait toujours à l'ancienne, sur une table d'architecte des années cinquante, au milieu d'une multitude de boîtes à chaussures remplies de photos découpées dans les journaux, où il allait puiser son inspiration. Honoré m'aidait à prendre du recul pour mieux comprendre le monde.

Elsa, son dada, c'était les mots. Elle adorait les décrypter et jouer avec eux. Ceux qui sortaient de sa bouche, elles ne les prononçaient pas, elle les éjaculait. Si elle était d'accord avec vous, elle hurlait « ouiiiiiii, l'as raacaaaisooooon » en vous balançant une claque sur l'épaule assortie d'un énorme rire, et le moindre désaccord déclenchait un « c'est horriiiiiible » à vous éclater le tympan. La surface des mots ne lui suffisait pas, elle en cherchait toujours le double sens. Si, à propos de sexe, vous veniez à prononcer le mot « pénétrer », elle vous lançait en pleine figure : « pénétrer : peine à être », et répétait cela jusqu'à ce que vous réagissiez. « Faut réfléchir », disait-elle alors, en vous regardant par-dessus ses lunettes en alimant une clope. Mais ce qu'Elsa kiffait avant tout, c'était d'aider les gens à être heureux. Notre dernière conversation s'est terminée par ces mots : « T'es heureux, Antonio ? Moi, je suis heureuse. Normal, mon métier c'est de rendre heureux. Et il n'y a rien de plus important. T'es pas d'accordoord ? » Et vlan, une claque sur l'épaule. Et toujours, l'énorme rire. Aussi exubérante que brillante, Elsa me rendait plus intelligent.

Voilà comment Tignous, Honoré et Elsa ont changé ma vision du monde. D'une certaine façon, ils continueront de vivre à travers moi. N'empêche, ils vont quand même me manquer.

JE TU IL NOUS VOUS ILS SUIS CHARLIE



Ma semaine a été trop chargée, alors je vais faire une chronique sur la nécessité de profiter de la vie, un texte fédérateur sur l'humanisme, des mots qui pourraient obtenir un prix dans un Salon de l'agriculture de la littérature. Mais, avant tout, je tiens à exprimer ma colère contre mon téléphone, qui, malgré un abonnement très coûteux, ne fonctionne pas! Charb n'arrive pas à me joindre! Il devait venir dîner hier et il n'est pas venu. Il doit avoir un cile à tirer, comme il me dit chaque fois, ou des dessins à rendre pour la CGT ou L'Humanité. Pas un SMS, son portable doit être en panne. De toute façon, ses mousquetaires veillent sur lui, alors je m'inquiète pour rien, comme il me dit. En attendant, je vais faire ma chronique.

Pleurer des yeux à faire reverdir les déserts avec les paysages les plus beaux. Pleurer de mon âme pour changer le cours des choses. Pleurer de mon corps pour en sortir une énergie si grande que... Quelle heure est-il? Je vais jamais finir à temps pour le bouclage du journal et Charb va encore m'engueuler en disant: « Chouchou, travaille! »

DEMAIN NE REVIENDRA PAS

D'ailleurs, ne pas oublier: il faut que je passe acheter des gâteaux pour Cabu, car il ne mange que ça et il doit revenir dîner à la maison dans la semaine. Nous parlerons de Trenet, et je jouerai à lui faire deviner des morceaux de jazz, et il gagnera. Avec sa coupe à la Beatles, j'ai toujours l'impression d'avoir McCartney à table! Il doit être au *Canard enchaîné*, c'est pour ça que je le vois pas. Le monde moderne est lourd en ce moment, je sais pas ce qui se passe, la météo peut-être... Je vais finir par trouver de l'intérêt à toutes les drogues! Mais je rigole, je dis ça pour patienter le temps que mon frère me rappelle! Pourtant, c'est rassurant, le pape, Obama, les imams, les Palestiniens, les Juifs, des pompiers, des policiers, des enfants... tout le monde parle de *Charlie Hebdo!* Le journal a dû faire un truc incroyable, pour qu'ils aient une telle couverture. Charb va être content, car les ventes vont remonter et on va pouvoir tenir la ligne du rire et du sourire face au front de la morosité et du noir de la crise. Ah, c'est bon, ça: le bonheur à toujours de la couleur, et le noir doit quitter son identification à la tristesse. Les dictatures ne font jamais rire ni sourire leur peuple. Seules les démocraties font rire, et ces visages réjouis nous différencient de nos masques de mort. C'est pas mal, comme idée, faut que j'en parle à Elsa. Elle va me hurler que c'est génial! Et quitte à avoir un sonotone, autant que ce soit par les paroles généreuses et intelligentes d'une psychanalyste! Mais je comprends pas pourquoi ils me rappellent pas. En même temps, ça me laisse du temps pour commencer ma première correspondance avec Oncle B. Faut que je lui dise que je l'aime, j'ai oublié l'autre jour, lorsqu'on a décidé de faire ce livre qui va faire date pour casser la tarification à l'activité dans les hôpitaux, appeler à la Sécurité sociale mondiale, gueuler contre le lobby de l'industrie du médicament, remotiver les politiques sur le fait que la santé n'est pas une marchandise, prôner une société humaniste, que l'économie serve l'humanité et pas le contraire. Nous en avons parlé l'autre jour, à la petite fête de *Charlie*. Bon, certes, j'ai eu un peu mal au crâne à cause du vin que j'ai bu avec mon Tignous. Je lui ai laissé un message, à mon Titi, pour lui dire que j'ai encadré son dessin si drôle, c'était peut-être dans *Marianne*... Je dois être fatigué, car il y a des choses dont je refuse de me souvenir. Il va encore me dire qu'il m'aime pour avoir une ordonnance, mais il tarde toujours à rappeler. Il y a quelque chose qu'ils m'auraient caché? Mais je m'inquiète toujours, vous savez...

À ce propos, l'autre fois, Honoré m'a proposé de passer à une expo d'un de ses amis. Se promener avec lui, c'est toujours marcher avec une encyclopédie de culture. D'ailleurs, il est aussi beau que ses dessins. Il a une classe incroyable, comme Georges. Il faut que je lui dise les progrès de la médecine sur la sexualité. Je lui ai laissé un message pour dîner avec lui et parler de la beauté des femmes! Il doit être content que la situation à Cuba s'arrange.

Mais il est si tard, et je ne comprends pas pourquoi c'est ma première chronique écrite en larmes. Le son de leurs voix ressemble au silence. J'ai froid. J'ai envie de vomir. Il doit y avoir une fête quelque part où ils sont tous allés... Un oiseau a voulu me le dire, non?

Mais où est Mustapha, mon maître des dictionnaires? Mes fautes ne partent plus! Et Charb n'arrive pas à me joindre... Je vais finir par péter la gueule aux nouvelles technologies! ■

PLANÈTE SANS VISA

Il n'y a plus d'ailleurs. Et voilà pourquoi mon site Internet s'appelle *Planète sans visa*. Cette expression n'est pas de moi: je l'ai découverte chez Victor Serge, mais elle est antérieure à lui. À ma connaissance, elle a été utilisée dès 1934 dans un tract surréaliste, probablement écrit par André Breton, ainsi que dans un livre de Léon Trotski. N'importe. Révolutionnaire, antistalinien, foncièrement démocrate, Serge était aussi un notable écrivain. Et j'ai retenu cette phrase, sous sa plume: « *Planète sans visa, sans argent, sans boussole, grand ciel nu sans comètes, le Fils de l'homme n'a plus où reposer sa tête...* »

C'est un fait: la planète est devenue une banlieue où s'entassent les peuples. Jadis, c'est-à-dire hier, franchir une frontière vous mettait à l'abri d'une guerre. En 1917, après avoir passé cinq années dans les prisons de France, Serge prend un train pour Barcelone et découvre un pays épargné par la boucherie. Oui, à cette époque si proche que certains parmi nous l'ont connue, la condition humaine pouvait être refusée, dans une certaine mesure. D'autres que Serge, convoqués en 1914 pour le grand massacre européen, refusèrent les tranchées, préférant l'exil. Comme ils avaient raison! Et comme avaient tort ces soldats partant à la fleur au fusil!

Tout a changé. La planète est une, les proesses technologiques nous ont définitivement cloués sur place. L'homme, devenu un agent géologique de première puissance, a inventé l'ère anthropocène. Ce site parle donc de la crise écologique, à ma manière. Sans concessions, sans inutilités précautions, sans vain respect pour les hommes et les institutions qui ne le méritent pas.

S'il doit avoir un sens, ce sera celui d'écrire librement. De décrire et de dénoncer ce qui se passe. Car il se passe un événement si considérable, tellement inédit, à ce point stupéfiant que la pensée refuse de l'admettre. Ce qui nous arrive peut se résumer, même si aucun esprit n'est capable de le concevoir pleinement: nous sommes les contemporains de l'anéantissement de la vie. De la destruction des conditions de vie de l'humanité. De l'asservissement des autres êtres vivants à notre bon plaisir imbécile. D'une crise d'extinction des

espèces comme la planète n'en a pas connu depuis la fin des dinosaures, soit 65 millions d'années.

Je n'ai pas l'illusion, ni l'outrecuidance, de savoir quoi faire. Je ne sais pas. Mais je pense, mais je suis convaincu qu'il faut marquer au plus vite une rupture complète avec notre manière de penser la société. Et cela implique de se détacher au plus vite des formes politiques anciennes. Je vise la droite comme la gauche. Et les Verts aussi, évidemment.

Ce n'est pas un programme, c'est un drapeau. Il nous reste peu de temps, je le crains, pour imaginer un avenir qui ne soit pas de guerre et d'affrontements majeurs. Comme j'aime la liberté, et parce que je défends l'égalité, et même la fraternité, je souhaite que ces valeurs soient conservées. Il faut donc défendre les droits de l'homme, assurément, mais on ne peut plus en rester là. Le rêve né en France autour de 1789 atteint sous nos yeux ses limites. L'individu est une limite, une triste et terrible limite qu'il nous faut dépasser. L'individu n'a pas, ne peut plus, ne doit en aucune manière avoir tous les droits que lui reconnaissent, pour le plus grand profit des marchands, la publicité et la propagande. Lesquelles ne sont en réalité — qui peut encore l'ignorer? — qu'un seul et même mot.

Nous devons, dès qu'il sera possible, travailler ensemble à une Déclaration universelle des devoirs de l'homme. Car l'homme a désormais la responsabilité de protéger et de sauver ce qui peut l'être encore. Les plantes et les arbres. Les singes et les colibris. Les fleuves et les pierres. Le vent et les abysses. Les étoiles et les saisons. Sans oublier lui-même. Sans nous oublier nous-mêmes.

C'est peut-être difficile. C'est sûrement moins prometteur, pour les divas de la télé et les margoulinis de la presse officielle, que de clamer combien le monde est beau et comme il continue d'aller de l'avant. Mais je n'imagine pas d'autre chemin. Or donc, suivez-moi dans le dédale, et nous tenterons ensemble de ne pas perdre notre fil d'Ariane. Je vous promets de vraies informations. De la dérision et du rire. De la polémique. Et peut-être un peu d'espoir.

1. fabrice-nicolino.com

LA CARTE POSTALE DE MATHIEU MADENIAN

Cher Charlie,

C'est quoi ce bordel, sérieux? T'as vu comment ils parlent de toi? Tu trouves pas ça bizarre? Attends, j'ai été super-touché par l'émotion de toutes ces personnes que j'ai croisées cette semaine. Mais moi, quand Charb m'avait proposé d'écrire dans *Charlie*, il me donnait la possibilité de rejoindre un réseau de résistance, un rassemblement improbable de dessinateurs érotomanes, d'économistes altermondialistes et de bouffeurs de curés réunis autour de l'envie de se marrer, de dénoncer, et surtout soulagés par le plaisir de déplaire.

Et on n'était pas beaucoup à te lire. Quand je t'achetais, je me sentais unique. Un peu comme le mec qui kiffe une série US que peu de gens connaissent. Tout le monde regarde *Plus belle la vie*, et toi tu télécharges *The Wire*.

Et, *Charlie*, t'avais presque réussi ton coup. Ben oui, il y a quelques semaines, t'as même failli disparaître. Si ça, c'est pas un signe de bonne santé! J'étais tellement fier de toi.

Et là, badaboum... 3 millions d'exemplaires, rupture de stock dans les kiosques.

Mais tu te fous de ma gueule? C'est quoi, le but? *Charlie*, t'es devant *Télé 7 jours!* Quelle honte... Même ma sœur t'a acheté aujourd'hui. Putain, elle est abonnée à *Closer*, ma sœur!

Et tous ces gens qui disent « *Je suis Charlie* ». Alors je te le dis, moi, je suis Mathieu, et je vais t'attaquer pour tromperie sur la marchandise et foutage de gueule.



Comment je vais faire pour me la péter maintenant devant les connards en soirée?

Connard (condescendant): Tu lis quoi, toi?

Moi (encore plus condescendant): Moi? *Charlie*.

Connard (à la main sur mon épaule): Ah oui, mais, tu sais, on est tous *Charlie*.

Moi: Non! Toi, t'es juste un connard de soirée.

Hollande est *Charlie*, Valls est *Charlie*, Sarkozy est *Charlie*, Marine Le Pen pleurniche pour être *Charlie*. Le PSG est *Charlie*, la SNCF est *Charlie*. Même Arnold Schwarzenegger se dit *Charlie*. Le mec d'*Expansibles!* Non, mais, n'importe quoi! Et pourquoi pas... Euh non, j'ai pas pire comme exemple en fait.

Et je fais quoi maintenant, moi? Je vais dire « *Je suis pas Charlie* »? Mais il y en a déjà plein qui font ça...

Alors je sais, tu vas me rassurer: « *T'inquiète pas, Mathieu, dans quelques semaines tout sera rentré dans l'ordre. Les ventes retomberont, les affiches sur les murs disparaîtront, les gens se détestent à nouveau, les politiques nous chieront sur la gueule devant les tribunaux comme avant, et tu pourras enfin te sentir unique.* »

J'espère, *Charlie*, j'espère vraiment. Sinon, cela voudrait dire que ce sont eux, les terroristes, qui auront gagné. Vivement la semaine prochaine... Peace.

Mathieu



PREMIER BILAN DES JOURS D'APRES

Les +

Les -

TOUS ENSEMBLE

Alors z'enfants de la Patrie

JE SUIS CHARLIE

JE SUIS CHARLIE

PHILIPPE KATERINE QUI VOUS RAMENE DE LA BEUH LE LENDEMAIN

SERRER LA MAIN A MANUEL VAUS



JE T'AIME MON AMOUR TU ES VIVANT!

DRAPEAUX EN BERNE, LIBIDO EN BERNE



MADONNA SOUTIEN "CHARLIE"

ANGELA MERKEL AUSSI...



ON PEUT FUMER A "LIBERATION"

CANCER DU POU MON BANDE DE CONS



L'ETAT FRANCAIS DE BLOQUE 1 MILLION POUR CHARLIE

GOOGLE LANCE UNE SOUSCRIPTION ET MOI ET MOI



DEBUT DE CORTEGE

QUELQUES CROQUIS DE LA MANIF DU 11 JANVIER, VU DEPUIS NOS "BACKSTAGES" par LUZ & CO



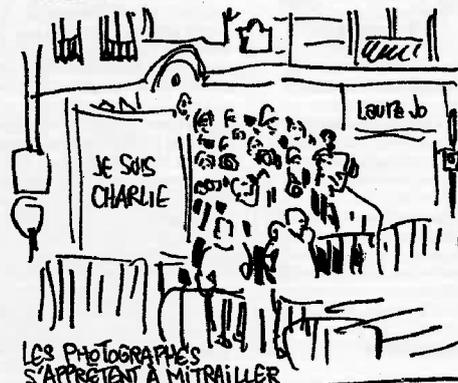
ON REVOIT LES COPAINS QU'ON N'A PAS VUS DEPUIS UN BAIL

"JE SUIS AVEC VOUS, LES POTOS" MERCI, RENAUD, D'ETRE LA!



MEME AVEC UN BOB, ROBERT BADINTER A LA CLASSE

ON ETREINT LA FAMILLE DE FRANKY LE POLICIER QUI A PROTEGE CHARB AU PERIL DE SA VIE..



LES PHOTOGRAPHES S'APPRETENT A MITRAILLER

ON AVAIT ENVIE QUE MUSTAPHA SOIT PARMI NOUS POUR CORRIGER T JUSTE DANS UN MAUVAIS REVE LACANEN... ON A CRUAND MEME ANONYMES, LES LOCTEURS, LES FIDELES, LES INFIDELIS, CEUX ON VOUS A VUS PAR DIZAINES, POIS CERTAINES, MILLIERS ET MILLIONS!

DIMANCHI PLUS DE MONDE POUR



LUZ



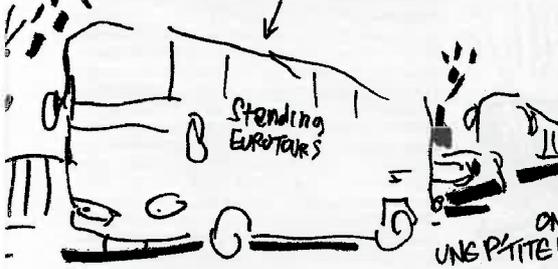
SYNDICATS DE JOURNALISTES
ARRIÈRE NOUS

ON APERÇOIT LES BUS DANS LESQUELS SONT
SÉJOURNÉS LES CHEFS D'ÉTAT : NETANYAHOU,
NET CHAB ADORAIT DESSINER LA GUBULE DE PSYCHORIGIDE
(ARTIONNAIRE) ET MERKEL (DONT ANCLE BERNARD
DÉMONTAIT LA POLITIQUE LIBÉRALE)
SONT DEDANS.

LES HOMMES ET FEMMES POLITIQUES
FRANÇAIS FORMENT LEUR GROUPE
DERRIÈRE NOUS. BORLOO SEMBLE
GRIBOUILLE PAR TIENOUS ET JOSPIN,
EST FIGÉ COMME S'IL ÉTAIT QUINÉ
DANS UN DESSIN D'HONNEUR.



ON AVAIT L'IMPRESSION QUE CHACUN
D'ENTRE EUX SERTAIT D'UN VIEUX
NUMÉRO DE "CHARLIE HEBDO"
ON LES AURAIENT BIEN ÉCHANGÉS CONTRE
UNE PETITE PÉCÉE DESSINÉE PAR WOLINSKI.



ON TE COTE CETTE ABSURDITÉ AU CRAYON ROUGE, ET QUE ELISA NOUS CONVAINQUE QU'ON ÉTAIT
MARCHÉ, MARCHÉ, MARCHÉ, TANT QU'ON POUVAIT... ET PUIS ON VOUS A VUS, LES S
D'UN JOUR OU CEUX DE TOUJOURS, LES ABONNÉS, LES KIOSQUIERS, LES DÉÇUS, LES ÉNERVÉS,
ET, D'UN COUP, CHANTONNAIT DANS NOS TÊTES UN TRENET DESSINÉ PAR CABU...

11 JANVIER 2015 "CHARLIE" QUE POUR LA MESSE



MONDE MUSULMAN

L'ATTENTAT VU D'AILLEURS

Blogs, tweets, édtkos, depuis l'attentat, «Charlie» nourrit des rafales de commentaires sur le Net.

Sombre septembre 2012. L'annonce du film *Innocence of Muslims* ainsi que les caricatures du Prophète de *Charlie Hebdo* embrasent l'Afghanistan. Je termine alors le feuilleton estival de *Charlie*, une série dont chaque article s'amorce par ce truculent slogan : «*Tout l'été, Charlie vous emmène bronzer en pays taliban.*» Puisque je suis estampillée «*Charlie Hebdo*» à Kaboul, le consulat s'inquiète de ma sécurité. Je décide donc de filer quelques jours à Dubaï.

Car une terrible protestation est en prévision. Les manifestants arborent par centaines la même pancarte, d'une violence inouïe : l'inscription «*Allah est grand*» encerclée d'un cœur rouge. «*Dieu est amour*» en quelque sorte : une objection plus qu'attendue.

Aussi, les dizaines de milliers de commentaires à notre sujet qui affluent aujourd'hui à travers le monde, dans une mare trouble de croquis, tweets, édtkos et articles, nous dépassent complètement, tant ils prennent d'effrayantes directions. Et inattendues, toujours.

Restons en terre talibane : la profusion de tweets de soutien à *Charlie* est renversante, et la «*une*» du quotidien afghan *Hasht-e Sobh* tirait au lendemain de l'attaque : «*La liberté d'expression survivra*», assorti d'un dessin sublime. Dans un pays où les assassinats de journalistes et de chiens d'infidèles sont toujours d'actualité. Si les talibans

du TTP (Mouvement des talibans du Pakistan) saluent la tuerie, ce n'est virtuellement pas le cas de l'ensemble du clan. Rivalité de barbus en cause ? Possiblement.

«**ALLAH, LA LUMIÈRE DE NOS NUITS**»

Une compétition géostratégique qui n'a pas empêché des tweetos de Daech de saluer l'attaque (alors qu'ils ne peuvent pas se réclamer de sa conception), diffusant à profusion un photomontage qui rappelle les cartes postales kitsch des martyrs djihadistes : les visages de nos quatre défunts dessinateurs en vedette, qu'une lumière diaphane et éruptive auréole depuis un ciel noir. Un étonnant visuel baroque, légendé par ce court poème : «*Je donne mon être, ma famille, mon argent pour le prophète d'Allah. Il est la lumière de nos nuits.*»

Mais Daech n'a pas le monopole du bon mot. J'ai un faible pour le sentencieux édtko du quotidien omanais *Al-Watan*, qui devise autour du proverbe «*Celui qui cuisine le poison y goûtera lui-même*». Plus chic à lire que «*vous avez mérité votre branlée*». Si les barbus versifient, ils ne sont pas les seuls à nous surprendre par leur singulier sens de la formule : l'éditorialiste Tony Barber, du *Financial Times*, a délicatement souligné jeudi que «*trop souvent l'irresponsabilité éditoriale a prévalu chez Charlie Hebdo*» et que nos dessinateurs avaient été «*simplement stupides*».

Nigeria. Boko Haram massacre 16 Villages.



Des mots bien durs dans de telles circonstances, alors qu'il est si facile d'être léger : sur Facebook, des dizaines d'utilisateurs saoudiens relaient ces lignes : «*Keep calm and say Allah Akbar*» surplombées d'un petit cœur — que l'on retrouve d'ailleurs sur la page Facebook «*Je ne suis pas Charlie*», créée jeudi 8 janvier et qui concentre plus de 24 000 «*likes*».

Ailleurs dans le monde musulman, quelques ravissements. Si les «*unes*» indonésiennes ont timidement relayé l'attaque dans ce pays où les lois antiblasphème étranglent la presse, le *Jakarta Post* pointe l'effroi suscité par le drame, alors que son rédacteur en chef est poursuivi depuis décembre pour publication blasphématoire (un dessin de l'Étât islamique, c'est dire...). Un joli pied de nez au *chairman* du Conseil des ulémas indonésiens, qui s'inquiétait que les vagues d'émotion suite à la tuerie contribuent à «*envoyer un mauvais message sur l'islam*». De son côté, *Al-Masry Al-Youm*, quotidien égyptien indépendant, a proposé après la tuerie une série de cinq caricatures de *Charlie*. Sans épargner Mahomet, Al-Baghdadi ou Ben Laden. Elles sont encore en ligne aujourd'hui. Une hardiesse effarante dans le monde arabe ; à mille lieues d'Associated Press, du *Guardian* et de bien d'autres, qui floutent nos «*unes*», même lorsqu'elles ne sont pas le sujet principal de leur photo. Le cœur de l'image, le plus souvent, c'est un visage qui fait risette. Feu Charb.

Solène Chalvon

EN BREF

FRAGMENTS

Pulvérisée... Ainsi se retrouve la rédaction de *Charlie Hebdo* après l'odieux crime. Décimés à la kalachnikov, tous sont morts entiers. Quant à nous, les survivants, nous devons encore pendant longtemps ramasser les fragments et voir ce qu'on pourra en faire. Fragments de mémoire, pour que chacun reconstruise la scène qu'il n'a pas vue, qu'il n'aurait jamais voulu voir, et qu'elle ne quitte plus jamais notre mémoire individuelle et collective. Non, personne ne peut, ne veut oublier. Comment refouler l'absence ? Comment refouler, de nouveau, l'épée de Damoclès qui a longtemps pesé sur nous, qui s'est abattue, et qui pèse encore ? Ils sont morts, mais nous vivons, et nous mettrons longtemps, très longtemps à ramasser les fragments.

RECONSTITUTION

Qui était assis où ? Qui aurait survécu si... Quels étaient leurs derniers mots, dits par hasard et non prononcés pour l'adieu, car ils ne comptaient pas nous dire adieu ? Les questions les plus tragiques

mettent longtemps à trouver des réponses. La première question, posée dès la matinée du mercredi 7 janvier : qui est mort, et qui a survécu ?

La plupart d'entre nous n'ont su que le soir. Nous avons passé des heures figés devant ce terrible chiffre de 12 morts à la télévision, et les noms tombaient, un à un, au fil des heures. Les noms des survivants aussi. Personne ne savait que l'on pouvait être à la fois dévasté de perdre les uns et euphorique d'avoir encore les autres. Nous, les survivants, nous savons à quel point la vie nous a choyés lorsque la mort nous a épargnés, mais nous avons fatalement perdu confiance en elle.

ALLAH AKBAR !

Les tueurs l'ont crié deux fois avant d'exécuter l'équipe. «*Dieu est le plus grand !*» Bah, non, ducon, s'il existait, tu penses bien qu'il n'aurait pas laissé ton insondable bêtise assassiner la brillante intelligence de Wolinski, Cabu, Honoré, Charb, Tignous, Bernard Maris, Elsa Cayat et Mustapha Ourrad. «*Allah Akbar !*» était le cri de guerre de Charb, son salut dans ses mails et SMS : «*Allah Akbar ! Tu crois que tu peux rendre ton papier d'ici demain ?*» Un jour, nous l'avions eue, cette discussion au journal, pour rire : «*Charb, arrête de gueuler ça, le jour où ils arriveront pour te buter, on ne saura pas si c'est une blague !*» Et c'est arrivé. On le savait, nous, à *Charlie*, que l'humour était quelque chose de très sérieux.

HÉRITAGE

La douleur sera longue, se renouvellera, s'étirera dans le temps... Mais nous mettrons longtemps, très longtemps, à découvrir et redécouvrir les trésors cachés et insoupçonnés de votre héritage. En attendant, vous nous laissez des ovations, alors que vous avez vécu conspués, vous êtes morts mal-aimés pour que nous soyons enfin compris. Grâce à vous, on a même eu un an d'affranchissement gratuit à La Poste ! Tout le monde veut nous aider, nous lire, s'abonner, nous offrir un café, un verre, un billet... Vous nous gâtez bien après votre mort, mais maintenant on le sait, on le craint : quand la déche reviendra, elle reviendra sans vous.

Zineb El Rhazoui

L'Etat Islamique menace d'exciser quatre millions de femmes entre 11 et 46 ans.



— Pour ça aussi, nous allons faire appel à des volontaires étrangers...

Attention aux coups de soleil.

QUELQU'UN PEUT ME RETOURNER ?



MANIF : 50 CHEFS D'ÉTAT RÉUNIS À PARIS. CHARLIE MAÎTRE DU MONDE !



LA CAPACITÉ DE S'AIMER

Je veux parler de la difficulté que l'être humain rencontre à s'ouvrir aux questions que pose l'autre dans sa différence, à faire une place à cette différence et, à partir de ceci, à reconnaître qu'il n'en fait aucune à la sienne : ni à l'écart entre ce qu'il veut et ce qu'il fait, entre ses desirs et ses ratés ; ni à l'écart entre les réels qui causent ses peines et ses joies et ces réels mêmes. Il préfère nier les motifs qui se cachent derrière l'émotif, censurer l'émotion, de crainte d'être surpris en flagrant délit de manque de maîtrise.

Or cette attitude a une raison : la peur. La peur qu'a l'individu de retourner sur les chemins de son passé, de revisiter ses amours infantiles dans leur réalité, de voir vraiment où il était dans ses émotions anciennes qui, par moments, resurgissent à ses dépens. Ordinairement il préfère la nostalgie, qui est, en grec, étymologiquement, la souffrance du retour et que je traduirais par le choix de la souffrance en tant qu'elle figure à tort pour l'homme une preuve d'amour. Ce choix accule l'être très loin hors de lui, puisque c'est ce refus du retour, ce refus de penser à lui, qui le conduit à tenter vainement de trouver un refuge dans ce que le regard de l'autre dit de lui, et donc à ne plus être soi-même.

Le même recherché en amour ne peut, à la longue, que se déprécier dans l'insatisfaction, la souffrance et l'anxiété en ceci que la clé de ce que l'on est, la clé de son identité à laquelle l'autre est substitué, aucun autre ne l'a si ce n'est soi. [...] Comme le dit si bien Milan Kundera dans *L'Ignorance*, « En espagnol, *Añoranza* vient du verbe *Añorar* (avoir de la nostalgie) qui vient du catalan *Enyorar* dérivé du mot latin *Ignorare* (ignorer). Sous cet éclairage, la nostalgie apparaît comme la souffrance de l'ignorance ».

Abuser, c'est aliéner.
L'expérience montre qu'on a le choix : souffrir de l'ignorance pour entretenir la nostalgie d'un rêve d'amour original et absolu, ce qui contraindrait l'homme à ne jamais vivre l'amour (ses plaisirs et ses peines) quand il est là, là où il est, à n'être jamais dans le moment pour maintenir le fantasme de son tout. Ou bien on choisit de cesser d'ignorer et d'entamer l'amour de son rêve, ce qui est la seule condition pour que, dévêtu de ses oripeaux métaphysiques, l'amour, c'est-à-dire la relation à l'autre, se déleste de sa fatalité et devienne, avec soi, réalité.

[...] Ici la société et le sujet se rejoignent ; dans la recherche d'autorité dont on dépend, mais dont on connaît l'abus de pouvoir. Cette autorité, c'est autant celle du système social, politique, économique, que de l'autre, dont l'abus est au grand jour, mais dont on ne peut se passer. C'est le même mécanisme qui assaille l'individu, lui qui hésite, qui a peur d'être libre, de suivre son désir, de construire sa vie ; lui qui aime avoir la bénédiction d'une autorité, et ce faisant ressent l'humiliation que produit le besoin de demander la permission.

Droit et psychanalyse se rejoignent sur un point commun, car ce qui est au principe du droit — liberté, égalité, fraternité — est le but de la psychanalyse. Le droit d'un point de vue collectif et la psychanalyse d'un point de vue individuel ont pour fonction de limiter l'abus chez l'homme en le régulant. Car si la psychanalyse a découvert quelque chose de fondamental, à savoir que la souffrance humaine dérive de l'abus, cet abus, à son tour, dérive de la croyance, c'est-à-dire de tout ce que l'on a bu, de tout ce qu'on a cru. Abuser de l'autre n'est pas une marque de toute-puissance perverse, abuser est une marque d'alléation, et être abusé par l'autre également. Or, pour sortir de ces rapports de domination et découvrir un rapport positif à l'autre, ouvert, non fondé sur la négation de soi et donc de l'autre, il n'y a pas d'autre moyen que de se défaire de toutes les illusions avec lesquelles nous avons été précoçus.





LUZ & SARAH CONSTANTIN

CULTURE

À PART TATI...

Je ne connaîtrai jamais le visage, ou plutôt la mine, sans doute déconcertée puis amusée, qu'aurait faite Cabu si on lui avait appris qu'un jour de janvier 2015, le 9 par exemple, Arnold Schwarzenegger aurait, sur son compte Twitter, enjoint tous les Américains à s'abonner à *Charlie Hebdo*. Une hypothèse économique un peu farfelue de Bernard Maris, un canular de Charb, une nouvelle idée de timbre émise par Tignous ou un cauchemar inédit de Trenet envoyé depuis les nuages. Et puis, Twitter, n'aurait-il sans doute demandé en relevant la tête ébouriffée de son dessin, qu'est-ce que c'est ? Une nouvelle marque de feutre ? Le nom d'une gigue pratiquée dans une contrée reculée ? Conan le Barbare s'abonnant à *Charlie*, c'est comme Ribéry commandant l'intégrale de la Pléiade ou Akhenaton arborant une pancarte « Je suis *Charlie* », une possibilité d'après l'Apocalypse et la (vraie) fin du monde. Car, pour Cabu, le cinéma, c'était Tati. Mon oncle. Et puis Hulot. Avant que je le connaisse vraiment et que je découvre son travail, Cabu incarnait pour moi l'homme qui avait connu un loup que j'admire, Jacques Tati. Mieux même, il l'avait côtoyé de près, puisque c'est lui qui, en 1967, avait illustré ce qu'on appelait le programme de présentation de son film *Playtime*. Un dossier de presse, en somme, que le réalisateur de *Trafic* avait confié à un dessinateur de 29 ans qui, si Hulot n'avait pas déjà existé, l'aurait sans doute créé, jumeau à pipe du Grand Duduche, grand cousin en imper beige, éternel étonné devant l'étrange marche des choses.



« Nous n'avons pas besoin d'acrobates », déclare un chef de service à monsieur Hulot dans *Mon oncle*. Dans *Tati-World*, Hulot le candide fait tâche, invente des trajectoires inédites, teste des éléments de décor dont il révèle le ridicule, sort sans cesse des clous. Comme Cabu. Hulot, c'est l'homme qui contrarie les flux, les perturbe et fait semblant de s'intégrer

au monde tapageur et un peu ridicule de la modernité. Comme Cabu. Dans *Mon oncle*, l'entreprise Plastac ne réussit pas à digérer Hulot, autrement dit à l'automatiser. Comme Cabu, on le croit ici, il est déjà ailleurs. Dans *Jour de fête*, déjà, le facteur François découvrirait, bouche bée, l'incroyable rendement de la poste américaine : contre la flânerie et l'art du détour, la vitesse et la rentabilité. Pour Tati, comme pour Cabu, l'Amérique était sans doute notre film d'anticipation, fascinant et effrayant, et son illusion productiviste, le mirage qui nous étourdit. Rentabilité, mécanisation, efficacité, cours de la Bourse, matérialisme tous azimuts, et des individus confondant le (faux) confort de surface et l'aliénation. À part Tati, Cabu adorait *Soleil vert*. Ceci explique cela. L'un et l'autre n'ont pas seulement imaginé la satire géniale de notre présent, ils ont aussi montré la disparition d'un monde dont on a oublié qu'il n'était plus.

CABU LE BARBARE

Je ne saurais donc jamais comment Cabu aurait réagi au soutien massif de Terminator, mais je sais le regard qu'il lançait toujours à ceux qui semblaient sûrs d'eux, inflexibles, pétris de certitudes. Ceux qui possédaient les clés d'un monde dont lui ne cessait de traquer l'absurdité. Et la drôlerie. L'esprit de Cabu était ouvert, incroyablement disponible, toujours prêt à s'enthousiasmer devant ces petites preuves que le monde, quoi qu'on en pense, ne tourne et ne tournera jamais rond. Comme Hulot, il ne se sentait pas sujet de grand-chose, sinon de cette famille immense qui malheureusement s'ignore. Celle des petites gens, c'est-à-dire nous tous, mais vue depuis les cimes de la modestie.

Jean-Baptiste Thorot

CINÉ

FRANCESCO ROSI CADAVRE EXQUIS

Le réalisateur de *Main basse sur la ville* et de *L'affaire Mattei* vient de s'éteindre. Il avait 92 ans. Et 17 films au compteur. Évoquez Francesco Rosi, et ce sont les années soixante et soixante-dix qui reviennent, une poignée de films éblouissants, *Salvatore Giuliano*, *L'affaire Mattei*, *I Magliari* ou le génial *Lucky Luciano*, autant de radiographies minutieuses de l'envers du boom économique de l'Italie glorieuse et des courbes opaques d'une Histoire pleine de secrets, de chaussetrappes et de cadavres exquis.

A quelques exceptions près (*La Belle et le Cavalier* ou *Carmen* en 1984), le cinéma de Rosi a incarné presque à lui seul ce que l'on pourrait appeler, faute de mieux, le cinéma politique. Non pas le cinéma engagé ou militant, et toutes ces fictions de gauche dont Petri, Damiani, Sollima ou Squitieri furent les meilleurs représentants, mais un cinéma d'antithèses, qui préférait exposer les problèmes, les envisager sous toutes leurs coutures, les déplier jusqu'à leur point maximal de complexité et, par conséquent, d'honnêteté.

COMMENT ÇA MARCHÉ ?

On n'attend pas d'un film de Rosi qu'il nous assène une vérité immuable, qu'il résolve une affaire que des dizaines de juges et de journalistes n'avaient pas réussi à dénouer, mais qu'il mette au jour des rapports entre les hommes et les structures de pouvoir, légales et/ou mafieuses. À la fin de *Salvatore Giuliano*, on ne saura pas qui a tué le bandit de Montelepre en 1950 ni l'identité de celui qui a ordonné le massacre de Portella della Ginestra le 1^{er} mai 1947, mais on aura mieux saisi ce fragment d'histoire sicilienne et les rapports

alambiqués entre la mafia, les fascistes et le pouvoir institutionnel. Même chose au terme de *L'affaire Mattei*, film-dossier qui retrace le parcours du célèbre roi italien de l'industrie pétrochimique, aucune révélation tapageuse, mais une autopsie glaçante des conditions de possibilité du personnage, de son évolution et de son assassinat.

Distance, froideur et étrangeté, les films de Rosi traquent la vérité mais se refusent toujours de conclure. C'est au spectateur qu'il revient de poursuivre le travail d'enquête, de se débrouiller en conscience avec les pièces que lui aura fournies le film. Car, pour Rosi, la vérité, si elle existe, ne constitue pas une fin en soi. « La vérité n'est pas toujours révolutionnaire ! » déclare l'un des personnages de *Cadavres exquis* en écho rectifié à la célèbre sentence de Lénine (« La vérité est toujours révolutionnaire »). Tel apparaissait le manifeste rosien : la vérité compte moins que les mécanismes qui y conduisent. Dans les films de Rosi, on passe donc beaucoup de temps à regarder, à revoir des documents, à scruter des photos, à détailler des visages, à arpenter des lieux. Ces films nous apprennent à regarder le monde tel qu'il est et non pas tel que l'on voudrait qu'il soit. Et tant pis si ce monde apparaît finalement indéchiffrable. En 2007, nous avions rencontré Rosi, à l'occasion d'une rétrospective que lui consacrait le festival Paris Cinéma. « Je crois à la démocratie, disait-il, en même temps, je crois que c'est très difficile de l'imposer, surtout aujourd'hui, compte tenu de la crise politique dans laquelle le monde baigne. Mais la pensée est la démocratie. Penser, raisonner, tenter de comprendre, constituent les grands actes d'affirmation de la démocratie. »

J.-B. T.



DANS LE JACUZZI DES ONDES
PHILIPPE LANÇON

DES PALOMETAS DANS LE JACUZZI

C'est toujours une expérience d'errer à l'autre bout du monde, dans un endroit que brusquement « l'actualité » éclaire d'un jour insolite: l'événement vous rend important, même si celui que vous vivez n'est jamais tout à fait celui qu'on vous raconte. Pour rendre intéressants ces insectes bizarres et lointains que sont les autres, on en fait généralement des héros, des victimes, des bourreaux, des témoins. Vous êtes par hasard dans l'un de ces endroits dont chacun parle pour une minute ou pour trois jours: vous voilà rangé malgré vous, par le grand miroir déformant planétaire et l'universel bavardage, dans l'une de ces catégories.

J'étais à Rosario, en Argentine, le 26 décembre, jour où une soixantaine de baigneurs furent attaqués par des poissons carnivores le long de la plage dite de la Rambla Catalunya, à quelques kilomètres du centre-ville. Dans les journaux télévisés français ou américains, on parle alors de « milliers » de baigneurs. On doit confondre avec les plages atlantiques de Mar del Plata, surpeuplées en cette période caniculaire. Ici, il n'y a que quelques centaines de plagistes, généralement pauvres. Les autres ont quitté la ville ou se baignent dans des piscines à l'eau non polluée.

Les journaux occidentaux parlent d'une attaque de « piranhas », car ce sont les piranhas que leur public connaît: leurs mœurs carnivores et leurs petites dents aiguës sont, grâce à Tintin, James Bond et aux films amazoniens du commandant Cousteau, internationalement réputées. On montre avec un dégoût ravi la phalange dévorée d'une fillette, les blessures d'un garçon, toutes sortes de pansements sur les plaies du vert paradis du glamour enfantin.

PIRANHA COMESTIBLE

Cependant, dans cette partie de l'Amérique latine, la variante du célèbre poisson amazonien est appelée palometa. Elle est nettement moins dangereuse que lui: des attaques comme celles du 26 sont extrêmement rares et mal expliquées. La palometa est par ailleurs comestible lorsqu'elle est assez grande pour qu'on puisse en trier les arêtes. C'est un peu comme avec les hommes: il faudrait pouvoir les agrandir dès qu'on les croise, les faire plus grands qu'ils ne sont, pour bien voir les défauts et les vices qu'on n'avalera pas et qui finiront par nous étouffer. Mais le cœur a si faim qu'il mangerait n'importe quoi.

Le rio Paraná descend des plateaux brésiliens. C'est le troisième bassin fluvial du monde, après l'Amazone et le Mississippi. Quand il arrive à Rosario, sa largeur est de 70 kilomètres. L'autre rive est comme un autre monde. Mais ce n'est pas à proprement parler une rive située de l'autre côté de l'eau: entre elle et Rosario, il y a des îles, des centaines d'îles, qui constituent en réalité un delta. On s'y perd en bateau, comme dans le cœur d'une femme ou d'un homme qu'on aime et qui vous échappe.

C'est très beau et tout à fait mystérieux. Un bras du fleuve distribue plusieurs canaux, qui vont s'amincissant entre saules et nénuphars, pour finir en lagune ou en cul-de-sac — ou pour déboucher, soudain, sur un autre bras du fleuve tout aussi large. C'est le jardin aquatique aux sentiers qui bifurquent.

La palometa appartient à la faune locale, même si elle est plus abondante en amont. Longtemps, elle a été le plat favori de deux animaux: la grue et le yacaré. L'une s'est raréfiée, l'autre a disparu. La grue n'apprécie pas, semble-t-il, l'apparition des vaches sur les îles. On les a mises à paître ici et là parce que l'herbe est abondante et qu'elle ne coûte rien. Parfois, une inondation les emporte. Le yacaré (prononcez: chacaré) est un caïman de couleur sombre, dont la chair et la peau étaient particulièrement appréciées. On l'a beaucoup et trop chassé. En l'absence de ces prédateurs, il semblerait que les palometas aient proliféré. Pourquoi, au lendemain de Noël, sont-elles devenues agressives? Peut-être ont-elles craint de finir en pendentifs sur les sapins de Noël, artificiels à Rosario. Peut-être étaient-elles, comme les habitants, exaspérées par la chaleur et les coupures de courant. Il n'y a pourtant pas l'électricité sous l'eau, même tiède. Ou peut-être simplement avaient-elles faim — mais de quoi? ■

Ce texte est paru dans *Charlie Hebdo* n° 1125 du 8 janvier 2014.

AUTRE CHOSE

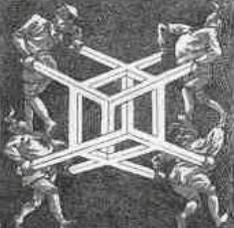
Toute l'histoire de la Belgique en 200 pages de dessins politiques, de 1830 à nos jours. Beau livre: "Zonder Woorden?" ("Sans paroles?") par Fran Dammé & S. van de Perre (ed. Peckmans, Kalmthout, Belgique). Avec évidemment plein de dessins en français, comme ceci, de 1930. ■



enrichie de l'encyclopédie devenue mythique de Francis Masse: "la Nouvelle encyclopédie de Masse, tome 1: a-m." (Glénat). Dessins et Bandes dessinées des années '70 à aujourd'hui, d'Auriculotherapie à Lycanthropie, un livre qui rend superflue la moitié



plusieurs styles, plusieurs genres. Pour le reconnaître: facile: si un dessin vous fait rire? C'est probablement un Wisluluss... Un Monde Merveilleux, requins marteaux, recueil fourre-tout



Cinquième livre de Berth: Ça sent mauvais" (ed. Jack is on the Road) Dessins & Strips surtout parus dans "Zelium". Les forces de l'ordre vont apprécier. ■



de votre bibliothèque. Ça dégage! Chasse à la balaine et mutinerie dans "Que la bête fleurisse" de Donatien Mary (ed. Cornélius). Histoire autour une mystérieuse dent grève de cachalot. Cela doit mal finir. Tout un dossier Pierre et Gilles dans "Hey!" n°20. Aussi la dingue Amandine Urruty

Quand Melvin Van Peebles n'était pas encore cinéaste il écrivait des textes dans "Mara-Kiri" début '60's, ed. Wombat en publie un recueil... le chinois du XIX^{ème} illustré par Topor pas tout à fait à son hauteur

À l'occasion de l'expo "Tatoueurs, tatoués au Musée du quai Branly: livre somptueux "Hey! Tattoo" (ed. ANKAN sur l'histoire du tatouage, de l'Océanie, phénomènes de foire, bagnes, Soldats aux jeunes gens à la mode. Mais après 200 pages de lecture je ne me suis toujours pas laissé convaincre de me faire)



Jimjilbang de Jérôme Dubois (ed. Cornélius). Le titre veut dire "sans" en coréen. Le livre très spleen raconte un séjour qui ne donne pas très envie de visiter la Corée, mais se lit bien. 2^e édition

mais surtout des photos fin 19^{ème} des artistes (oubliés) dans leurs ateliers pompeux. Les gens savaient se mettre en valeur, un peu de tigre au sol, un palmier dans un pot dans le coin, posant devant des œuvres lourdement encadrées, en voilà du style!

illustrer mon beau corps à Wisluluss, fait dans



mais surtout des photos fin 19^{ème} des artistes (oubliés) dans leurs ateliers pompeux. Les gens savaient se mettre en valeur, un peu de tigre au sol, un palmier dans un pot dans le coin, posant devant des œuvres lourdement encadrées, en voilà du style!

mais surtout des photos fin 19^{ème} des artistes (oubliés) dans leurs ateliers pompeux. Les gens savaient se mettre en valeur, un peu de tigre au sol, un palmier dans un pot dans le coin, posant devant des œuvres lourdement encadrées, en voilà du style!



CHARLIE SHOPPING
IEGOR GRAN

MIROIR ASTRAL

— Allô, Charb?
— Ah, c'est toi, tovaritch?
— Excuse-moi de te déranger, tu dois être très occupé en ce moment avec ce qui s'est passé mercredi dernier... Comment tu te sens?

— Même pas mal, finalement. Sur le coup, j'ai été surpris: ces types en noir, très baraqués, qui orient mon nom dans tous les sens, puis on reçoit les balles, on reste sonné par terre, on comprend dans l'instant que c'est grave, mais on n'est pas inquiet, c'est étrange. Il y a comme une grande sérénité. Tu vas rire: la première pensée que j'ai eue, c'était pour mes lunettes. J'ai même tenté de les ramasser quand je me suis aperçu que je ne pouvais plus bouger. Ça s'est éteint autour de moi. Puis ça s'est rallumé.

— Où es-tu exactement?
— C'est difficile à expliquer, les mots ne suffisent pas. Disons que je suis partout et nulle part. Je sais, ça fait un peu d'inondation mystique, mais ce n'est pas désagréable, au fond.

— Tu me vois?
— Mieux que ça, je te sens, tovaritch. Je sais qu'en ce moment tu hésites entre larmes et colère, dans une sorte de pensée orangeuse, chargée en mauvais protons. Ce qui ne t'empêche nullement d'avoir une érection.

— Oups, désolé, ça ne se commande pas.
— Je sais. Quand on a trop maté Samantha Fox dans sa jeunesse, forcément, ça fait des lésions. Mon conseil: profite-en bien, tant que ça bouge. Car je ne te cache pas que tu rentres dans un âge difficile pour la prostate. La colère, en revanche, je ne comprends pas. Je te pensais plus philosophe.

— Que peut faire la philosophie face à tant de médiocrité? Les guignols ne connaissent même pas notre adresse, ils ont commencé par entrer chez le voisin. Et pourquoi mettre une gougoule, si on laisse sa carte d'identité dans la voiture? C'est rageant de se faire buter par des minables.

— Je sens de l'aigreur. Ça, pas bon. Dis-toi que le combat éternel, le seul qui vaille, n'est pas celui du bien contre le mal, c'est celui de la finesse contre la connerie. Il est donc normal, à notre niveau, de charrier du con toute la journée — telle est notre brouette de Sisyphus, jusqu'à son dernier soupir. Il faut bien que quelqu'un le fasse. Sois-en fier: la merde est un matériau noble. Mais pas trop fier quand même, hein.

— J'ai une angoulesse, tout à coup, Charb. J'ai peur que l'énorme vague de sympathie qui s'est levée partout pour nous soutenir, nous, les rescapés, ne retombe par terre comme une crêpe mal lancée, et que l'on revienne à la douce et lente agonie de l'indifférence.

— Laisse-moi jeter un coup d'œil dans le miroir astral que j'ai sous la main... Tu as raison, c'est exactement ce qui va se passer. Déjà, on dit « attentat » là où il faudrait parler de « massacre ». On attendue. Puis on évacue. Des faits divers croustillants vont remplacer Charlie dans les conversations. Je vois Nabilla, Julie Gayet. Un scandale financier. Une crise sanitaire. Virginie Boxx. Ainsi marche le monde: le saltimbanque assassiné ne fait pas son poids de gravité.

— Attends, Charb, tu m'inquiètes, qui est cette Virginie Boxx?... Une bimbo? Une porno? Une philosophe dévergondée?

— Elle n'est pas encore connue. Même sur Internet. Mais dans quelques années... Adieu, je laisse saliver tes neurones. ■

LES PUCES

LUCE LAPIN



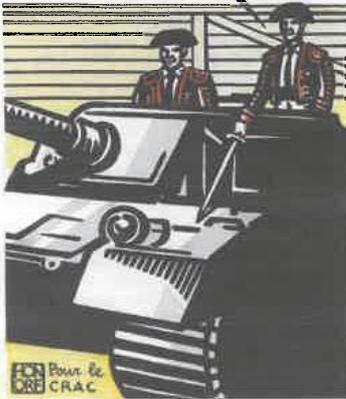
SINS DESSUS DESSOUS

Méli-mélo. Tout s'emmêle et s'entremêle, le tout est quelque peu chaotique. Des «Puces» un peu banales.

► « Les animaux n'auraient jamais fait ça », m'a dit Patrick Pelloux, ce 7 janvier. Nous sommes quelques rescapés, dont la cocker golden Lila (voir « À pas de chien », page 5). Beaucoup de pensées, en permanence, pour les victimes et pour les blessés, d'espoir pour Simon, notre webmaster. Reviens vite me taquiner!

► Chamanou la tigrée, adoptée et adorée par Bernard Maris, a été recueillie par la famille. Et Hamlet, le malicieux matou rouquin que Honoré avait sorti de la rue, est lui aussi resté dans le cercle familial. À Charlie, on n'abandonne pas les animaux quand l'un de nous disparaît... Nombreux dessins sur les animaux de Cabu, Charb, Honoré, Tignous, Wolinski sur la page d'accueil du CRAC Europe pour la protection de l'enfance (anticorrída.com).

Nous, on laisse toujours une chance au taureau...



► Depuis 2012, le foie gras est interdit en Californie. C'est évidemment grâce à mes chroniques contre le gavage que Arnold Schwarzenegger s'est abonné (sic) à Charlie Hebdo...

► Vos manifs sur luce-lapin-et-coopains.com notamment celle de samedi 31 janvier contre la Ferme des 1000 veaux. Ce sera à La Courtine (Creuse). Organisée par l'OEDA. Oui à l'étourdissement dans les abattoirs — plus d'infos sur collectif-oeda.fr

► Ce n'était pas prémédité, surtout en ces circonstances: « Luce Lapin, chronique anticorrída, antichasse, anticirques avec animaux et tout le reste, Monsieur le Président », me suis-je ainsi présentée à François Hollande venu nous rendre visite à l'Hôtel-Dieu. Puis, plus tard, à Manuel Valls, en lui souriant: « On n'est pas d'accord pour les taureaux. » Il y a des choses plus graves. « C'est un ensemble... » Je le trouve sympathique, j'ai presque envie de l'aimer. Malheureusement, entre nous, ça va pas être possible.

Quand on écrit, même quand on est « un pro », on n'a pas ce recul nécessaire à la bonne pratique de la correction. Alors, nous aussi, on se fait corriger. Mustapha lisait donc mon texte. Un moment particulier. J'attendais son « il n'y a rien, mais je vais te chipoter un peu », sinon j'étais déçu. Un superchipoteur! C'était l'occasion de discussions sur la langue française, qui nous passionnait, sur notre métier, méconnu et souvent peu reconnu, ce qui nous attristait. On éprouvait beaucoup de considération l'un envers l'autre. À travers ma chronique, on parlait aussi des animaux, et des maltraitements qu'ils subissaient. Mustapha était très discret, réservé, et tout autant érudit. Difficile de raconter avec justesse toutes les richesses qu'il avait en lui, c'était « avant »...

► Mille mercis aux lecteurs, associations, amis, etc., pour votre réconfort, à Libération pour son accueil et pour sa délicatesse — un plat végétal tout spécialement pour moi.

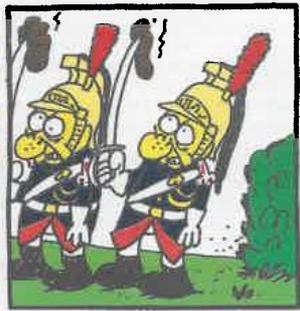
Cette chronique est signée « Laping de Garenne », comme m'appelait, avé l'assent, le Toulousain Bernard Maris, alias Oncle Bernard.



JE M'INQUIÈTE

Cette interview de Charb avait été publiée sur le site du Théâtre du Rond-Point, ventscontraires.net, le 11 septembre 2011, alors que le théâtre était assiégé par les intégristes catholiques, qui voulaient interrompre les représentations du spectacle *Golgota Picnic*, de Rodrigo Garcia. La rencontre avec Charb avait eu lieu juste après l'incendie de nos bureaux.

« On s'inquiète de voir les musulmans modérés ne pas réagir. Il n'y a pas de musulmans modérés en France, il n'y a pas de musulmans du tout, il y a des gens qui sont de culture musulmane, qui respectent le ramadan comme moi je peux faire Noël et bouffer de la dinde chez mes parents, mais ils n'ont pas à s'engager plus que ça contre l'islam radical en tant que musulmans modérés, puisqu'ils ne sont pas musulmans modérés, ils sont citoyens. Et en tant que citoyens, oui, ils agissent, ils achètent Charlie Hebdo, ils manifestent à nos côtés, ils votent contre des gros cons de droite. Ce qui me fait chier, c'est qu'on les interpelle toujours en tant que musulmans modérés, il n'y en a pas de musulmans modérés. C'est comme si on me disait à moi: "Réagis en tant que catholique modéré." Je ne suis pas catholique modéré, même si je suis baptisé. Je ne suis pas catholique du tout. »





Les Français sont pessimistes.



ELLES N'ONT PLUS BESOIN DE NOUS...



CHARLIE HEBDO LES COUVERTURES AUXQUELLES VOUS AVEZ ÉCHAPPÉ

